

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO *LATO SENSU* EM LÍNGUA PORTUGUESA

CRISTIANA P. F. ZAGALLO

**Língua Portuguesa e estrangeirismos: os anglicismos na
rede social Instagram**

SÃO PAULO

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO *LATO SENSU* EM LÍNGUA PORTUGUESA

CRISTIANA P. F. ZAGALLO

**Língua Portuguesa e estrangeirismos: os anglicismos na
rede social Instagram**

Monografia apresentada à Pró-Reitoria de Educação
Continuada da Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo (PROEC-PUC-SP), como parte dos
requisitos para a obtenção do título de **Especialista
em Língua Portuguesa**.

Orientador: Prof. Me. Cassiano Butti.

SÃO PAULO

2023

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho ao meu amor Rogério, por seu apoio incondicional aos meus sonhos, aos nossos filhos Matheus e Felipe, pela inspiração e incentivo à excelência acadêmica e aos meus pais Hélio Rubens e Maria Cecília, por todo exemplo e valores transmitidos a mim ao longo da vida.

AGRADECIMENTOS

Ao impecável professor e orientador Cassiano Butti, pelo encantamento proporcionado com suas aulas na PUC-SP e por toda sua educação, simpatia, humildade, paciência e dedicação à orientação desta monografia.

A todos os professores do curso de pós-graduação (especialização *lato sensu* em língua portuguesa) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pelo excelente curso ministrado, mesmo em plena pandemia de COVID.

Às minhas colegas de curso, em especial à Bianca, minha fiel escudeira.

ZAGALLO, Cristiana P. F. **Língua Portuguesa e estrangeirismos: os anglicismos na rede social Instagram**. São Paulo, 2023, 81 p. Monografia (Pós-Graduação Especialização *Lato Sensu* em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RESUMO

Esta monografia, inserida na área da Língua Portuguesa, resulta de um trabalho de especialização desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Selecionou-se como tema de investigação **estrangeirismos na língua portuguesa**, especificamente **o anglicismo**. Tem-se como objetivo principal a análise de anglicismos sintáticos presentes na escrita em circulação na rede social Instagram. Alguns questionamentos resultam do aumento das oportunidades de contato entre as línguas inglês e português, tais como o da existência de anglicismos sintáticos, além dos lexicais em curso e o da incorporação de anglicismos à língua portuguesa na era digital, ambos especificamente no aplicativo Instagram. Fundamenta-se a pesquisa nos estudos em Lexicologia e na Teoria de Colocações, aqui representados por Biderman (2001), Sandman (1991), David Crystal (2005), Nelly Carvalho (2009) e Tagnin (2013). A título de exemplificação, foram selecionados, como *corpus*, publicações em perfis públicos da rede social entre os anos de 2020 e 2023. Os resultados obtidos confirmam a hipótese de produtividade no uso de anglicismos sintáticos na amostra apresentada, validando o enfoque da pesquisa. Percebe-se, nos casos de construções sintáticas (colocações), uma impropriedade na composição fraseológica – o que pode configurar tanto a falta de conhecimento do usuário quanto a estrutura de sua língua materna, com implicações no plano significado; como também revelar um processo de criatividade/inovação linguística, na medida em que se busca adaptar a construção em inglês às normas mais familiares aos usuários do português brasileiro.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; estrangeirismos; anglicismos sintáticos; Instagram.

SUMÁRIO

Considerações iniciais	07
1– A visão histórica dos estrangeirismos	
1.1 A visão dos Filólogos, Gramáticos e Literatos	10
1.2 A visão Política	15
2 – A visão linguística dos estrangeirismos	
2.1 Os Estrangeirismos no Plano Lexical	19
2.2 Os Estrangeirismos no Plano Sintático-Semântico	32
3– Os estrangeirismos nas redes sociais	
3.1 O papel da Internet	37
3.2 O Instagram	40
4 – Método e análise do <i>corpus</i>	
4.1 Descrição metodológica	44
4.2 Análise dos dados	46
4.3 Discussão dos resultados	71
Considerações Finais	73
Referências	77
Anexo	81

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Trata-se de estudo monográfico sobre os estrangeirismos na língua portuguesa, especificamente o uso de anglicismos na rede social Instagram.

A pesquisa expõe como problemas alguns questionamentos resultantes do aumento das oportunidades de contato entre as línguas, no caso, entre o português e o inglês:

- Há anglicismos sintáticos, além dos lexicais em curso, na rede social Instagram?
- Como anglicismos têm se incorporado à língua portuguesa na era digital, especificamente no aplicativo Instagram?

O objetivo principal é analisar os tipos de ocorrências de anglicismos em textos publicados no Instagram, enfatizando as construções sintáticas.

A onipresença atual de sistemas virtuais de interação em nosso cotidiano anuncia uma nova maneira de viver. Em um mundo pós-pandemia de Covid, relações pessoais e profissionais transitam sobremaneira por redes sociais, estabelecendo, assim, um interessante foco de estudo linguístico: *A internet não é apenas um fato tecnológico; é um fato social e sua principal ferramenta é a linguagem.*¹

Aliado às novas possibilidades de expressão, o estrangeirismo é uma presença forte em ambientes digitais. O espaço ocupado há pouco pelos galicismos em um mundo não-virtual está hoje preenchido majoritariamente pelos anglicismos em nossa língua, pois temos o inglês como Língua Franca no intercâmbio entre países do mundo contemporâneo. Devido ao seu papel protagonista entre os estrangeirismos do século XXI, os usuários de uma língua que a eles recorrem adotam não somente uma palavra, mas também uma maneira de ver o mundo, permanecendo mais conectados ao processo de globalização característico do mundo moderno.

Historicamente, os estrangeirismos têm sido considerados cada vez menos um vício de linguagem e mais um resultado da colonização cultural de um povo, embora tentativas frustradas de eliminá-los tenham ocorrido em um passado não muito distante aqui no

¹ The Internet is not just a technological fact; it is a social fact, and its chief stock-in-trade is language (BERNERS-LEE apud CRYSTAL, 2005, p. 271)

Brasil, como na Campanha de Nacionalização da Era Vargas e no Projeto de Lei 1676/99. Embora polêmico há muitos séculos, o assunto continua bastante atual e relevante, inclusive no exterior; conforme comprova a promulgação de uma lei na França, no mês de maio de 2022, a qual proíbe o uso de estrangeirismos em alguns setores da sociedade. Cada vez mais, não somente a área científica e técnica contribuem com o maior número de anglicismos para a língua com sua terminologia; as redes sociais também passam a desempenhar esse papel.

Empréstimos linguísticos oriundos deste contato cultural revelam-se, em sua maioria, no campo lexical, mas também têm sido observados na construção sintática do nosso idioma. Como exemplo, cito uma frase espelhada na construção fraseológica do inglês, muito comum em redes sociais atualmente: *Esse é um assunto que eu amo falar sobre*, em vez de *esse é um assunto sobre o qual eu amo falar* – construção última, abonada pelas regras de sintaxe normativa da língua portuguesa. Sem dúvida, a consolidação de uma língua global juntamente com a celeridade de comunicação das redes sociais tem gerado profundas mudanças e desequilibrado os paradigmas linguísticos de uma maneira sem precedentes.

A internet nos proporcionou um meio linguístico novo, que oferece uma escala completamente nova de possibilidades de expressão, com dimensões inéditas de variação estilística e formas novas de enfocar o uso da língua (CRYSTAL, 2005, p.103).

Do mesmo modo, a presença da comunicação virtual em nossa vida na atualidade é inversamente proporcional ao número de trabalhos acadêmicos publicados sobre o tema. Os estrangeirismos têm sido, há muito, assunto presente entre linguistas, assim como toda polêmica envolvida no assunto, mas praticamente ausente quando observado nos meios de produção digital – gênero novo e com características próprias. Ademais, com a crescente abordagem social da internet, a linguagem torna-se terreno fértil para estudo.

Na prática, a mudança semântica pelos falsos cognatos, por exemplo, tem levado usuários comuns a utilizar uma palavra do inglês, embora com outro sentido: *Estou fazendo home office*, dizem os brasileiros, quando, na verdade, *home office* é apenas o local, o seu “escritório em casa” – e não a ação de trabalhar à distância. Nesse caso, a

expressão equivalente em inglês seria: *I'm working from home/ I've got a remote work*. Isso caracterizaria a utilização de uma palavra estrangeira, porém dando a ela um novo significado. Conforme comenta a autora Nely Carvalho (2009, p. 65): *Traduções equivocadas resultam em empréstimos de significantes com significados disparatados*.

Como hipóteses a serem referendadas ou não pelo nosso estudo, temos:

- O uso de anglicismos desencadeia a ampliação do léxico do português no Brasil, por vezes, levando também à ampliação semântica;
- A predominância da escrita nas redes sociais influencia a consolidação dos empréstimos linguísticos;
- O uso de estrangeirismos facilita a construção de uma identidade linguística em um grupo social.

Para a realização desse estudo, o trabalho está fundamentado, teoricamente, na área da Lexicologia, em consonância com as ideias defendidas por autores como Biderman (2001), Sandman (1991), David Crystal (2005) e Nelly Carvalho (2009) e Tagnin (2013).

A organização estrutural do trabalho foi planificada em quatro partes:

- a) na primeira, faz-se uma revisão histórica do tratamento dado aos estrangeirismos, destacando-se a visão de filólogos e gramáticos, bem como algumas ações políticas, em que são enfatizados discursos contra o uso desse tipo de recurso linguístico;
- b) na segunda, apresenta-se o referencial teórico do trabalho, por meio de um levantamento do tratamento dado aos estrangeirismos por linguistas-lexicólogos;
- c) na terceira, caracteriza-se a internet e uma de suas redes sociais – o Instagram, rede esta que servirá de base para o levantamento e descrição do corpus selecionado para compor a presente pesquisa;
- d) na quarta, apresentam-se o *corpus*, a metodologia de análise e, na sequência, a descrição das ocorrências.

Conclui-se a monografia com as Considerações Finais, seguidas da indicação do referencial bibliográfico e de material anexo.

1. A VISÃO HISTÓRICA DOS ESTRANGEIRISMOS

Desde pelo menos o século XVI, os estrangeirismos ou dições alheas já eram percebidos como aquellas que doutras línguas traze-mos à nossa por alghuã necessidade de costume, trato, arte ou cousa alghuã novamente trazida à terra. O costume novo traz à terra novos vocabolos (OLIVEIRA, 2000 [1536], p.121)

No presente capítulo, abordaremos os estrangeirismos a partir de uma revisão histórica de como esse tipo de ocorrência linguística foi abordado sob o ponto de vista de filólogos, gramáticos, literatos e até mesmo agentes políticos. Sem pretensão à exaustividade, o que se apresenta é uma breve descrição dos principais argumentos que circularam no Brasil sobre o uso de estrangeirismos ao longo dos séculos.

1.1 A visão dos filólogos, gramáticos e literatos

É de saber que Said Ali (1914 apud BECHARA, 2010) admite, por meio de registros da lexicógrafa alemã D. Carolina Michaëlis, a chegada, na língua portuguesa, dos mais antigos ‘empréstimos’ ao léxico tradicional, no período entre 1200 e 1500. *Trata-se de palavras entradas na língua, ‘depois da constituição dos diversos romances’...*²

Ocorre que tais empréstimos nem sempre foram aceitos pacificamente como um *processo natural de assimilação de cultura e contiguidade geográfica*, pois, aos olhos de puristas representam *a subserviência e degradação de um país* Bechara (2019, p. 633). Desta forma, percebe-se que os estrangeirismos remontam ao período histórico de nosso idioma, desde a fase arcaica e são predominantemente, lexicais. Entretanto, o *cânon dos puristas hodiernos, como se sabe, são as obras dos que escreveram de 1500*

² “Estudos da Língua Portuguesa: textos de apoio”, Bechara, 2010, p. 258.

para cá, conhecidos pela designação de clássicos portugueses, especialmente certos quinhentistas e seiscentistas, conforme afirma Said Ali (1914 apud BECHARA, 2010)³.

Durante as colonizações na América, os idiomas neolatinos não ficaram restritos somente à Europa e passaram também a ser falados em outras partes do mundo. O contato permanente dos povos no aspecto comercial, político, artístico e científico tornou-se terreno fértil para a cristalização de unidades lexicais estrangeiras, por meio dos empréstimos linguísticos, embora amedrontasse puristas preocupados com a “degradação” do vernáculo. Said Ali relembra a característica inevitável e natural dessa relação: *Empréstimos que nunca se restituem; dívidas que jamais se resgatam, salvo com outro empréstimo. Na linguagem faz-se isto sem cerimônia. Não se propõe nem se pede. Tira-se* (SAID ALI, 1966 [1914], p.240).

Ainda no século XVI, no início da fase histórica moderna, houve quem defendesse a língua portuguesa contra as “ameaças” de uma língua estrangeira, como o nacionalista Fernão de Oliveira, autor da primeira gramática portuguesa, em 1536:

tem de seu a perfeição da arte que outras nações aquirem com muyto trabalho... e com tudo apliquemos nosso trabalho a nossa língua e gente... e nam trabalhemos em língua estrangeira (OLIVEIRA, 2000 [1536], p. 121)

Embora temeroso da adoção de letras estrangeiras, o mesmo autor percebia infrutífera a tentativa de freá-la, ao declarar: *não desconfiemos da nossa língua, porque os homens fazem a língua e não a língua os homens* (OLIVEIRA, 2000 [1536], p. 86).

Decisões imperiosas foram tomadas, então, em nome de uma suposta proteção à língua e ocorreram ao longo de nossa história; inclusive no sentido de impor língua diversa em terras brasileiras. Em 1757, o ministro lusitano Marquês de Pombal, ao instituir no Brasil o “Diretório dos Índios”, estabeleceu o português como única língua da colônia, proibindo o ensino e uso de qualquer outra, inclusive a “língua geral”, falada à época pela população. Justificou sua ação ao afirmar:

ser máxima inalteravelmente praticada em todas as nações que conquistam novos domínios, introduzir logo nos povos conquistados o

³ “O Purismo e o Progresso da Língua Portuguesa”, SAID ALI, 1914 (apud BECHARA, 2010, p. 241).

seu próprio idioma...para desterrar dos povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes...lhes radica também...a obediência ao mesmo Príncipe (POMBAL, 1757, §6⁴)

Podemos perceber a força da língua como poder político, de dominação e aculturação de um povo:

(...) para desterrar este **perniciosíssimo abuso** será um dos principais cuidados dos Diretores estabelecer nas suas respectivas povoações o uso da língua portuguesa, Não consentindo por modo algum que os Meninos e Meninas, que pertencem às escolas, e todos aqueles índios, que forem capazes de instrução nesta matéria, usem da língua própria das suas nações ou da chamada geral, mas unicamente da Portuguesa, na forma que S. M. tem recomendado em repetidas ordens, que até agora não se observaram, com total ruína Espiritual e Temporal do Estado (POMBAL, 1757, §6, grifo nosso).

Tempos depois, em 1856, José de Alencar⁵ demonstrou indignação pelo silenciamento da língua dos índios (língua geral), considerada bárbara e condenou a admiração exacerbada aos europeus:

dizem que as nossas raças primitivas erão raças decahidas, que não tinham poesia nem tradições ; que as línguas que fallavão erão barbaras e faltas de imagens, que os termos indígenas são mal sonantes e pouco poéticos ; e concluem d'aqui que devemos vêr a natureza do Brasil com os olhos do europeu, exprimir-a com a phrase do homem civilisado, e sentil-a como o indivíduo que vive no doce comfortable (ALENCAR, op. cit. p. 43).

Nesse mesmo texto, José de Alencar também reclamou do galicismo inútil, em detrimento do correspondente vernáculo nas “Cartas Sobre A Confederação dos Tamoyos em 1856: *Em uma das cartas aponteí como gallicismo o verbo gostar no sentido de beber o que na minha opinião é uma frase inteiramente franceza*⁶.

Ao longo daquele século, respirou-se intensamente a atmosfera cultural da França, que passou a ser a principal fonte de informação e inspiração políticas e sociais. Por meio do

⁴ “Diretório dos Índios”, Marquês de Pombal (ministro do rei de Portugal, D José I), 1757.

⁵ ALENCAR, José de. “Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos”, carta quarta, 1856.

⁶ Nota 5ª, Pureza da Linguagem.

francês, o estrangeirismo predominante, aprendemos a *ver o mundo, que adquirimos o senso da História, que lemos os clássicos de todos os países, inclusive gregos e romanos* (CÂNDIDO, 1977, p. 12⁷). Nesse período, o médico e filólogo Castro Lopes estabeleceu uma cruzada contra a “contaminação” do idioma nacional ao publicar o livro “Neologismos Indispensáveis, Barbarismos Dispensáveis” (LOPES, 1909), no qual propôs substituir alguns estrangeirismos na língua portuguesa por vocábulos novos, criados por ele, a partir do latim ou grego. Os seus neologismos objetivavam “corrigir” anglicismos e principalmente galicismos comuns ao português falado à época, em nome da pureza linguística:

Não é de desenterrar palavras mortas e sepultadas, que se tracta; mas de **limpar**, de **expurgar** a linguagem vernacula de **vozes barbaras**, de construcções contrarias á indole d'aquella, e de crear com bons elementos termos, que no idioma portuguez falten para traduzir os **exóticos**. E' isto o que se deve chamar progresso; esta é que é a verdadeira evolução na vida de íia lingua. Crear neologismos, não a torto e a direito, quando não haja necessidade real; mas formal-os, observados os requisitos e condições que o grande mestre recommenda; indicar os vocábulos e phrases correspondentes aos da lingua estranha, ficando assin provados o desnecessário uso e emprego de **barbarismos**; taes são os fins principaes d'este livrinho. (LOPES, 1909, p. 23-24, grifos nossos)

A visão inflexível dos puristas passa a ser percebida pelo uso de termos higienizantes para designar o tratamento aconselhado à língua: *expurgar*, *limpar*, *barbarismos*, *exótico*, *perniciosíssimo abuso*, entre outros. Quase todas as criações de Castro Lopes (1909) acabam caindo no esquecimento ou no escárnio do público como *runimól*, para substituir *avalanche* ou *concião* para a palavra inglesa *meeting*, embora a sugestão de “cardápio” para o galicismo *menu* permaneça ainda hoje em nosso idioma.

Em resposta a ele, Machado de Assis, em 1888 teceu sua crítica, de maneira bem-humorada, irônica e anônima, na crônica “Bons dias!”, do periódico Gazeta de Notícias (entre os anos de 1888 e 1889):

Bons dias!

Pego na pena com bastante medo. Estarei falando francês ou português?
O Sr. Dr. Castro Lopes, ilustre latinista brasileiro, começou uma série de

⁷ Retirado do texto “O Francês Instrumento de Desenvolvimento”, de Antônio Cândido, 1977.

neologismos, que lhe parecem indispensáveis para acabar com palavras e frases francesas. Ora, eu não tenho outro desejo senão falar e escrever corretamente a minha língua; e se descubro que muita coisa que dizia até aqui, não tem foros de cidade, mando este ofício à fava, e passo a falar por gestos. (MACHADO DE ASSIS, 1888, Cf. anexo)

O próprio Machado, em texto de 1862, usava estrangeirismos lexicais em suas obras (*chambre, coupé, toilette, lord, gentleman*) e até mesmo frasaís (*à la minute, all right!*),⁸ embora condenasse usos excessivos. Considerava estar o idioma português imune ao perigo do contato externo, visto que os empréstimos linguísticos seriam naturais, indispensáveis e sempre adaptáveis à nossa língua, regidos sempre pelo uso:

Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há, portanto, certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade (ASSIS, 1953 [1862], p. 147)

Resume Said Ali (1908), a respeito da imposição de palavras por puristas:

Abastecia-se o idioma à força. Era assim que se provava a pureza e a riqueza. Nem por isso vieram mais abundantes as ideias e mais puras, nem se fez mais enérgica a frase, nem o estilo mais elegante. Mas a Língua portuguesa, apesar das extravagâncias e caprichos de alguns, e das torturas que padeceu, continuou lentamente a progredir como dantes (SAID ALI, 1908 apud BECHARA, 2010, p. 255).

O referido autor deixa claro ser inócua a tentativa de frear o progresso ao buscar soluções no passado:

o purismo [...] não pesa devidamente os resultados do progresso e, infenso, por princípio, a inovações, procura, na suposta pureza do português de outros tempos, valores que as desalojem e substituam. Entretanto, ao perceber a força da produção de termos de procedência estrangeira, afirma que o purismo [...] é indulgente com essa produção, a seu ver parasitária, porque sabe quanto seria anacrônico ir buscar equivalências em ouro puro no gabado tesouro antigo. (SAID ALI, apud BECHARA, 2010, p. 252).

⁸ Cf. <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/indice-do-vocabulario-de-machado-de-assis>

Já no início do século XX, o gramático Cândido de Figueiredo (1913) defendeu, no mesmo sentido, que *há gallicismos de gallicismos: e, quando êles se me afiguram inúteis, violentos ou disparatados, inscrevo-lhes ao lado o cave canem⁹ do prudente aviso* (FIGUEIREDO, 1913¹⁰). Qualquer reflexão sobre importação de termos léxicos obedecia a preocupações puristas, sempre com uma tendência mais normalizadora do que descritiva. O mesmo autor, em sua obra *Os Estrangeirismos* (1902), classifica os estrangeirismos em quatro categorias: os imprescindíveis (os já cristalizados no idioma nacional), os convenientes, os toleráveis e aqueles empregados unicamente em razão da ignorância ou por falta de amor à língua, corroborando sua visão.

1.2 A visão política

Mais tarde, pouco antes da Segunda Guerra Mundial, a Campanha de Nacionalização da Era Vargas institui o Decreto-Lei nº 406, que estabeleceu o *crime idiomático*, delito sujeito a prisão a quem utilizasse outros idiomas em território brasileiro, inclusive dentro da própria casa. Imigrantes italianos, alemães e japoneses foram perseguidos, impedidos de usar sua língua materna e instituições obrigadas a mudar de nome, tais como o Instituto Medio Italo-Brasiliano Dante Alighieri, que passou a chamar-se Colégio São Leopoldo (hoje Colégio Dante Alighieri) e o Sport Club Germania, atualmente Esporte Clube Pinheiros (ambos na cidade de São Paulo).

Após o término da Segunda Guerra, com o progressivo destaque dos EUA no cenário mundial, o inglês assume o protagonismo e passa a ser a língua franca entre as nações. Estrangeirismos, atualmente, predominam através de anglicismos (Ânglico, adjetivo pátrio, sinônimo de inglês¹¹) e, como sói ocorrer, embates a respeito do seu uso em território nacional recomeçam.

⁹ Expressão latina, cujo significado em português é “Cuidado com o cachorro”

¹⁰ FIGUEIREDO, Cândido. “Dicionário Cândido de Figueiredo”, cap III, Processo da Obra, 1913.

¹¹ Napoleão Mendes de Almeida, Dicionário de Questões Vernáculas, 1999, p. 24.

Um caso recente de repúdio ao uso do inglês no Brasil foi o Projeto de Lei nº 1.676 de 1999 do então deputado federal Aldo Rebelo (PCdoB/SP)¹² que *dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa*. Inspirado na lei francesa de 1994 de mesmo teor (Lei 94-665), o parlamentar considerava a língua portuguesa um fator de soberania nacional e objetivava protegê-la e defendê-la de ameaças externas. Todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira deveria ser considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei. Houve rejeição por parte de linguistas e pela sociedade, resultando na não-aprovação do projeto.

Ainda hoje, no cenário mundial, o movimento purista da língua prospera: no último ano, em 2022, a França voltou a promulgar uma lei proibindo o uso de termos em inglês, desta vez, especificamente aqueles ligados aos jogos eletrônicos em documentos oficiais do governo¹³.

Ademais, gramáticas normativas corroboram essa visão purista. Classificados como “vícios de linguagem” – *palavras ou construções que deturpam, desvirtuam ou dificultam a manifestação do pensamento* – Napoleão Mendes de Almeida (1999, p. 506), os estrangeirismos são chamados também de barbarismos (para os latinos, bárbaro era todo o estrangeiro) ou peregrinismos, incitando a polêmica.

Deste temor em relação à “contaminação” externa surge o conceito de “língua pura”, aquela sem a invasão de termos, expressões e construções alheias, muitas vezes reflexo de ódios e rancores políticos entre nações. Historicamente, gregos rejeitavam palavras turcas, após a Guerra Grego-Turca (1919-1922) por exemplo. Franceses, as alemãs, após a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871). Bechara (2019, p. 633) corrobora a fundamentação política do movimento ortodoxo linguístico ao dizer que *este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de patriotite) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas*.

¹² REBELO, Aldo. Projeto de lei no 1676. Brasília, 1999.

¹³ Cf. <https://super.abril.com.br/>

No Dicionário de Linguística e Gramática de 2007 [1956], Câmara Júnior apresenta a seguinte definição de purismo:

Atitude de extremado respeito às formas linguísticas consagradas pela tradição do idioma, que muitas vezes se assume na língua literária; a língua é considerada à maneira de uma água **crystalina e pura**, que não deve ser **contaminada**. Daí, a hostilidade aos estrangeirismos, aos neologismos e a todas as formas linguísticas não autorizadas pelo uso literário tradicional. (CAMARA JR., 2007 [1956], p. 202, grifos nossos)

Para os puristas, a língua é o elemento central de unificação e consciência nacional, constrói a identidade de uma nação e representa um significativo instrumento de poder político, capaz de fomentar muita polêmica. A língua representa o povo de um país e toda sua identidade. Destaca Said Ali 1966 [1914] que *O idioma, para um povo, é o traço fundamental profundo da sua história*; ou ainda Gaston Paris (1835-1903), filólogo francês, que dizia *para um povo mudar de língua é quase igual a trocar de alma*¹⁴. A tentativa de frear a mudança linguística por termos estrangeiros talvez represente uma defesa involuntária frente a algo externo, não familiar e desconhecido; decisão comprovada infrutífera, pois *não há desdouro no transmutar perene, embora lento, de uma língua. É um fenômeno de vitalidade* (SAID ALI, 1966 [1914], O Purismo e o Progresso da Língua Portuguesa, p. 232). Afinal, ela é *sempre a mesma e sempre outra* (BECHARA, 2010, p. 250).

A revisão histórica proposta neste capítulo, permitiu identificar que tanto filólogos quanto gramáticos e até mesmo literatos inseridos em diferentes momentos da história, fizeram uso de argumentos contrários à inserção de unidades lexicais de origem estrangeira nas suas línguas de comunicação. Conforme demonstrado, o estrangeirismo foi tratado como uma ameaça por diversos autores, sendo mencionado como “perniciossíssimo abuso”, “contaminação”, “vozes bárbaras”, “exótico”, “bárbaro”, entre outros. É nítida, nessa postura, uma visão purista sobre os fatos linguísticos, embora, para diversos estudiosos, a adoção justificável de uma unidade lexical pudesse ser abonada:

Uma nação que recebe com simpatia as ideias de fora não deve temer acolher os nomes com que estas mesmas ideias costumam ser

¹⁴ *Pour un peuple changer de langue, c'est presque changer d'âme* – La littérature française au Moyen Âge, 3^a éd., Paris, 1905, pág.12.

designadas. O que se deve condenar é o abuso; e o abuso consiste em utilizar com nomes estrangeiros o que já possuímos. Também constitui abuso empregar as palavras estrangeiras em todas as ocasiões e diante de qualquer auditório. (Michel Bréal, *Essai de sémantique*, 1897, p. 290 apud BECHARA, 2010, p. 94)

Até mesmo Napoleão Mendes de Almeida (1999, p. 868), gramático normativista, vislumbra que as unidades lexicais estrangeiras, ainda que estranhas à língua, não devam ser consideradas barbarismos, caso imprescindíveis.

Said Ali (1914 apud BECHARA, 2010) defende que o contato intercultural naturalmente influencia os padrões linguísticos, o qual acaba tipificando as línguas no fluxo do tempo, mas que devemos ter domínio de nossa língua materna antes de adotar os estrangeirismos:

Têm por dever resistir à tentação de adotar dizeres novos ou estrangeiros de que outros se sirvam só para condescender com a moda, quanto é certo subsistir para o mundo a consciência de expressões vernáculas de sentido perfeitamente idêntico (SAID ALI, 1914 apud BECHARA, 2010, p. 251).

Percebe-se, ao longo da história, um veemente discurso purista, (inicialmente ligado ao uso literário) e tentativas de excluir a influência de outros idiomas, principalmente no campo lexical. Estrangeirismos que encontravam como sua principal porta de entrada no passado, a evolução científica, tecnológica e industrial, por meio de empréstimos; hoje penetram na sociedade predominantemente pelos meios digitais, conforme será demonstrado no cap.3 desta monografia.

2. A VISÃO LINGUÍSTICA DOS ESTRANGEIRISMOS

Verificamos, no capítulo anterior, que as discussões em torno dos estrangeirismos estiveram centradas no uso de determinadas unidades lexicais – o que talvez justifique ter sido esse um dos temas de interesse de teorização lexicológica no século XX. Por essa razão, iniciamos este capítulo com uma revisão bibliográfica do tratamento dado aos estrangeirismos pelo viés da Lexicologia. No entanto, dada a natureza desta monografia, de analisar as ocorrências de estrangeirismos por fenômenos sintáticos, encerraremos o tópico destacando o conceito de colocações linguísticas, em consonância com as pesquisas desenvolvidas por Tagnin (2013).

2.1 Os estrangeirismos no plano lexical

Entende-se por Lexicologia a disciplina linguística que estuda o léxico, as relações deste com os outros sistemas da língua e, sobretudo, as relações internas do próprio léxico nas suas diferentes estruturas, funções e usos. Ela tem por objetivo estudar a morfologia e a semântica lexicais e relaciona-se com a fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, abarcando campos como a etimologia, formação, criação e importação de unidades lexicais (UL), além da estatística lexical.

Sabe-se que as línguas, em processo de expansão permanente, precisam ampliar cada vez mais seu repertório lexical. E, de acordo com a Lexicologia, o léxico é o único sistema aberto da língua favorável a essa ampliação, enquanto a fonologia, a morfologia e a sintaxe tendem a permanecer sistemas fechados (BIDERMAN, 2001). Ainda assim, contatos de cultura e civilização por meio das redes sociais nos dias de hoje facilitam as possibilidades de empréstimos linguísticos, entre eles, os sintáticos – embora estes, em menor número.

Na sociedade contemporânea, as formas de convivência e intervenção cultural entre os povos evoluem e modificam-se ao longo dos anos, sendo comprovadas pelos

estrangeirismos. Entre todos os presentes no Brasil atualmente, por meio de empréstimos linguísticos, o anglicismo é o de maior predominância. O contato necessário para que eles ocorram pode vir a ser por continuidade geográfica ou à distância, por intercâmbio cultural em sentido lato (BLOOMFIELD, 1961). Ainda para este pesquisador, os empréstimos à distância são sempre culturais e representam a modalidade presente no Brasil, por influência do anglicismo americano.

A polêmica dos empréstimos de outros países já se faz presente desde a sua terminologia. Por toda a doutrina nacional dedicada à Lexicologia, encontram-se diferentes empregos e definições para os termos “estrangeirismos” e “empréstimos”, gerando uma imprecisão terminológica. Muitas vezes os termos são usados como sinônimos, inclusive. Ambos os conceitos estão relacionados ao processo de ampliação lexical majoritariamente, embora sejam também percebidos sintaticamente. Devemos, inclusive, considerar a questão ideológica ligada aos dois termos – com grande influência da visão purista em um primeiro momento (conforme visto no capítulo 1) com a denominação “estrangeirismo” como *aquilo que é estrangeiro, alheio, de fora, não nacional* – o que não ocorre com o termo “empréstimo”. Com o avanço do estudo científico, novas definições passam a ser consolidadas, como *neologismo por empréstimo* (ALVES, 2002 [1990]).

Todavia, não somente as imprecisões terminológicas pairam sobre o tema, mas também o emprego diverso delas ao longo das etapas do processo. Há autores que consideram estrangeirismos somente a fase da chegada à língua, a primeira, outros, todo o processo e alguns, ainda, somente o resultado. De modo geral, estudiosos empregam o termo empréstimo nos dias de hoje, embora ele se mostre polissêmico: pode designar o processo, a própria neologia (por empréstimo), ou o resultado, como estatuto final da palavra que entra numa língua por meio de sua importação de um outro sistema linguístico.

Tudo isso ocorre a partir do advento da linguística no século XIX, ocasião em que os estrangeirismos passam a compor o estudo da ciência da linguagem e a definição de “empréstimos linguísticos” se consolida, enfraquecendo a abordagem purista desse fenômeno. Para designar contribuições externas que ampliam o léxico de um idioma,

linguistas estrangeiros também recorrem ao termo *empréstimo*: *emprunts* (francês), *loan words* (inglês) e *Lehnwörter* (alemão) – (SAID ALI, apud BECHARA, 2010, p. 240).

Bechara (2010) apresenta a chegada da visão científica como um contraponto à conservadora:

Ver a importação de termos estrangeiros por esse prisma científico, por essa larga compreensão dos contatos culturais entre povos, é, sem dúvida nenhuma, uma posição de um verdadeiro linguista, posição que até hoje não assumem muitos dos que estudam a língua, que a querem encarcerada nos angustos limites de uma pretendida pureza idiomática (BECHARA, 2010, p. 59).¹⁵

De fato, o estudo científico da língua traz à luz os verdadeiros motivos da polêmica em torno de palavras estrangeiras e a incessante busca pela pureza do idioma:

Quando se buscam as raízes dessas repulsas que os espíritos nobres nutrem pelas palavras estrangeiras, vê-se que elas são devidas a associações de ideias, a recordações históricas, a intenções políticas, com que a linguística tem muito pouco a ver (BRÉAL apud Bechara 2010, p. 60).

Mattoso Câmara 2007 [1956] defende que os estrangeirismos são os empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, e que, de alguma forma, mostrarão sua face estrangeira, seja nos fonemas, na flexão ou na grafia. Afirma que ainda podem vir como vocábulos nacionais, mas com *significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante*.

O conceito proposto por Guilbert (1975, p. 95) mostra-se similar, ao indicar que o estrangeirismo é *a unidade lexical sentida como externa à língua*, além de considerar que *um termo de origem estrangeira deixa de ser neológico a partir do momento em que entra no sistema linguístico da língua de acolhimento, ou seja, quando, precisamente, deixa de ser percebido como termo estrangeiro*¹⁶.

¹⁵ Bechara, “José de Alencar e a língua do Brasil”, 2010.

¹⁶ *un terme d'origine étrangère cesse d'être néologique à partir du moment où il est entre dans le système linguistique de la langue d'accueil, c'est à dire quand, précisément, il cesse d'être perçu comme terme étranger* (GUILBERT, 1975, p. 95).

A definição mais moderna de Bechara (2019, p. 633) considera estrangeirismo o *emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua*.

Tais conceitos convergem para a caracterização do estrangeirismo como um fenômeno de chegada de influência externa ao idioma, por meio do empréstimo, embora ainda não plenamente adaptado.

Essa influência externa não é novidade na história. Qualquer produção linguística em uma sociedade sempre acompanhou as mesmas leis que regem quaisquer outros costumes e surge dos contatos entre povos, da evolução e da necessidade de nomear coisas – *Rem tene, verba sequentur* (*Tenha a coisa e as palavras seguirão*), refletindo as experiências da sociedade, sua cultura e influências de outras nações (CARVALHO, 2009). Esse fenômeno já tem sido percebido desde a primeira gramática da Língua Portuguesa, em 1536 ao afirmar que os estrangeirismos (ou *dições alheas*) são trazidos à nossa língua por alguma necessidade, por algum costume novo, por meio de novos vocábulos.

O resultado encontrado no Brasil desse contato entre nações comprova-se pela contribuição não somente latina ao acervo da língua portuguesa, mas também ibérica e celta (*balsa*), germânica (*guerra*), árabe, cujo prefixo *al* representa o artigo incorporado ao termo (*álgebra, alfaiate, alface, arroz*), grega (*anjo, bispo e filosofia*), francesa (*viagem, envelope, chaminé, maré*) e muitas outras influências ao nosso vocabulário. Os italianos, pela navegação, colaboraram com os termos *piloto, soneto, pilastra, mezanino*, entre outros e, mais recentemente, aqueles ligados à culinária: *nhoque, talharim, lasanha* etc.

Das línguas europeias temos o inglês (anglicismo), vindo inicialmente da Inglaterra que exercia poder sobre Portugal (*rosbife, pudim, túnel*), posteriormente transferido aos Estados Unidos da América (*pen drive, skate, briefing, diet, light*). Houve também muitos empréstimos não-europeus, da época do descobrimento: *chá, gueixa, limão* (Ásia), *banana, girafa, moleque* (África).

Todavia, a língua portuguesa não somente adota termos de outras nacionalidades, também contribui com suas unidades lexicais para diferentes povos, afinal, em matéria

de língua, não há propriedade privada: tudo é socializado. (JAKOBSON, 2007 [1970]¹⁷). Muitas registram a contribuição do português a seus acervos, como por exemplo, *goiaba* (*português*)/*goiave* (francês), *caju* (*português*) /*acajou* (francês) e *mandioca* (*português*)/*manioc* (francês e inglês) (BECHARA, 2010, p. 60).

Ainda dentro das contribuições do português pelo mundo, Bechara (2010, p. 96) destaca um tipo de empréstimo fornecido a outra língua, e que, mais tarde, volta para a de origem com roupagem nova (gráfica ou semanticamente). São as palavras “torna-viagem”: como *feitiço* (português crioulo, da costa africana) para *fetiché* (francês) que retorna como *fetiché* (português moderno, com modificação da forma e do significado).

Já houve uma época em que estudiosos imaginavam poder existir uma língua “pura”, isto é, sem a invasão e intromissão de termos, expressões e construções de outras línguas. Depois, os estudiosos mais bem dotados de informações científicas e de maior conhecimento da história das comunidades humanas e de seus idiomas, chegaram à conclusão de que não havia línguas puras, já que elas acompanham e espelham a história dos homens que as falam. O contacto permanente dos povos no domínio comercial, artístico, científico e político transforma-se num grande corredor de empréstimos que não se devolvem, a não ser com outros empréstimos. (BECHARA, 2010, p. 265).

Tal aporte às línguas era chamado por Fernão de Oliveira 2000 [1536], ainda no século XVI, de “dições alheas” (palavras alheias) – aquelas vindas de outras culturas, adotadas pelo povo e de origem não facilmente identificável posteriormente. À época, esses vocábulos alheios consolidados à língua mesclavam-se naturalmente entre as pessoas, de modo a não serem mais percebidos como estrangeirismos: *As nossas dições são aquellas que naceram antre nós ou são já tão antigas que não sabemos se vieram de fora* (OLIVEIRA, 2000 [1536]). Ou seja, já eram considerados plenamente adaptados, um *empréstimo não mais sentido como estranho ao sistema da língua* (ALVES, 1988).

No entanto, a chegada de vocábulos estrangeiros novos à sociedade nem sempre é pacífica, causa incômodos e muitas polêmicas, até sua cristalização entre os usuários. Saussure (2003) afirma que duas forças opostas reagem simultaneamente na evolução de uma língua: uma que direciona a comunidade linguística a ser fiel às suas tradições,

¹⁷ JACKOBSON, Roman. “Linguística e Comunicação”, São Paulo, Ed. Cultrix, 2007 [1970].

o *Espírito de Campanário*, evitando inovações, e outra que a obriga a interagir e se comunicar, a *Força de Intercurso*, ambas representantes de correntes conservadoras e inovadoras da língua, respectivamente:

Em toda massa humana, duas forças agem sem cessar simultaneamente e em sentidos contrários: de um lado, o espírito particularista, o “espírito de campanário”; de outro, a força de intercuro, que cria as comunicações entre os homens (SAUSSURE, 2003, p. 238).

Torna-se relevante salientar, pela visão de Câmara Júnior 2007 [1956] a diferença dos resultados na sociedade de modificações impostas pela evolução ou por empréstimos linguísticos: *As mudanças linguísticas resultantes de empréstimos apresentam-se diversas àquelas resultantes da evolução. Enquanto aquela é resultante de adoção de língua distinta, esta ocorre dentro de sua história interna.*

Portanto, para esse linguista, todas as mudanças internas de uma língua recebem o nome de *evolução* e são influenciadas pela história externa, condições políticas e sociais. Já o empréstimo é tão somente uma mudança recebida pela adoção de elementos de língua diversa.

Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes, pois a língua como instrumento do espírito, não pode ficar estacionária quando este se desenvolve” (José de Alencar, apud BECHARA, 2010, p. 61).

Ainda nesse sentido, Guilbert (1975) ressalta o instinto de preservação e tradição do sistema linguístico como uma necessidade social:

A língua, como estrutura autônoma em relação à realidade extralinguística, é dotada da permanência implicada pelo próprio sistema; além disso, ela é o sistema de comunicação de uma comunidade que se reconhece por meio dela, tanto que se torna um elemento da permanência da própria comunidade, ela garante sua continuidade de geração em geração, sua tradição. O sistema linguístico carrega em si uma força de conservação socialmente necessária. (GUILBERT, 1975, p.16, tradução nossa)¹⁸

¹⁸ *La langue, en tant que structure autonome par rapport à la réalité extralinguistique, est dotée de la permanence impliquée par le système lui-même; de plus, elle est le système de communication d'une*

Ao longo do estudo sistemático dessas forças, observando o contato, o desenvolvimento e a transformação entre línguas e nações, diversas teorias foram apresentadas sobre os estrangeirismos. Estas, ao serem adaptadas de diferentes maneiras à língua receptora passam a ser classificadas como empréstimos, que, por sua vez, desenvolvem processos de adaptação.

Segundo Alves (1988), o termo estrangeirismo é mais utilizado para designar a palavra ou expressão sentidos como externos ao português. *O estrangeirismo que está se instalando é um verdadeiro neologismo e somente se tornará empréstimo quando não mais for sentido como estranho ao sistema da língua* (ALVES, 1988, p. 3).

Como vimos, empréstimos linguísticos são tão antigos quanto a história das línguas. Para Carvalho (2009), entende-se por empréstimo o estrangeirismo adaptado de várias formas. Apresentam como finalidade, segundo a autora, o enriquecimento e a renovação vocabular, sendo os lexicais e semânticos os mais produtivos.

Sandmann (1991, p. 184) ao comparar diferenças da produtividade lexical com as das sintáticas, afirma que:

- as unidades lexicais formam um acervo disponível, o que não acontece com as sentenças.
- Uma palavra nova desperta a sensação de novidade – o que não acontece com a frase, sempre nova.

Outra justificativa para o fato de os estrangeirismos lexicais apresentarem-se em maior número e serem mais facilmente aceitos pode vir da teoria de Sandmann (1991) e diz respeito à função exercida por cada um e sua disponibilidade de uso. Para ele, há uma divergência clara entre a competência lexical e sintática, pois, enquanto uma lexia nova pode ser facilmente aceita em um contexto adequado, dificilmente novas regras de sintaxe serão. Afinal, ambas possuem funções diferentes: a sentença apresenta a função de enunciação; a unidade lexical, por sua vez, desempenha a função de rotulação,

communauté qui se reconnaît par elle, si bien qu'elle devient un élément de la permanence de la communauté elle-même; elle assure sa continuité de génération en génération, sa tradition. Le système linguistique porte en lui-même une force de conservation nécessaire socialement. (GUILBERT, 1975, p. 16).

nomeação ou designação de algo (SANDMANN,1991, p. 19). Logo, um contexto adequado tende a aceitar uma forma lexical normalmente rejeitada, o que não ocorrerá com as regras da sintaxe ou competência sintática (SANDMANN,1991, p.103).

Tal perspectiva indica-nos que a influência dos empréstimos permanece predominantemente no sistema lexical e não chega a afetar o sistema gramatical da língua receptora, pois aquele é um universo em contínua expansão, diferentemente do componente gramatical.

Neste sentido, afirma Fiorin (2001): [...] *não há nenhum empréstimo de palavras gramaticais, bem como não estamos diante de uma mudança da sintaxe da língua. Além disso, nenhum desses empréstimos estrangeiros altera o que alguns linguistas chamam o fundo léxico comum, que continua tão vernáculo quanto antes.* (FIORIN, 2001, 115-6) Ainda assim, apesar de mais raras, as mudanças ocorrem ao longo do tempo em uma língua, mesmo que na sintaxe:

E se se encara o nosso idioma sob o aspecto gramatical, ainda aí se verifica que ele sofre mudanças graduais a despeito de doutrinas reacionárias e diligências retardadoras[...] Quanto à sintaxe, tem havido tais modificações, que o próprio Fr. Francisco de S. Luís não teve dúvida em tachar de “defeituosos os nossos bons autores”. A própria colocação pronominal dos quinhentistas e seiscentistas – perdoem-me os que a têm por pedra de toque do falar correto – já aparece um pouco alterada entre os escritores portugueses do século XIX (SAID ALI,1914, apud BECHARA, 2010, p. 250)

A produtividade lexical, de acordo com Sandmann (1991) é influenciada por muitos fatores, tais como a lexicalização, a metonímia, metáfora e a estilística, com ênfase às funções expressivas da linguagem. Qualquer estranhamento ao sistema linguístico de uma unidade lexical pode contribuir para a eficiência do ato comunicativo, o que pode não ocorrer com as construções sintáticas.

Há expressividade quando o estrangeirismo dá à fala ou ao texto um toque de exotismo, quando contribui para dar autenticidade à referência a outras terras e outras gentes, ou ainda quando a palavra estrangeira, pela sua constituição sonora, parece mais motivada que a vernácula. (MARTINS, 1997, p. 81)

As adaptações exercidas para que um estrangeirismo se torne um empréstimo são comentadas por Bechara (2010):

Desde que termos estrangeiros são introduzidos em um país pela necessidade e tornam-se indispensáveis nas relações civis, a língua, que os recebe em seu vocabulário, reage por uma lei natural sobre a composição etimológica para imprimir-lhe o seu próprio caráter morfológico. A pronúncia e a ortografia alteram-se, em alguns casos profundamente; mas sempre conforme leis fonéticas, estudadas por Jacob Grimm e seus continuadores. Como exemplo, temos do francês, *jaquette* e do inglês, *jacket*, em português – jaqueta. (BECHARA, 2010, p. 59)

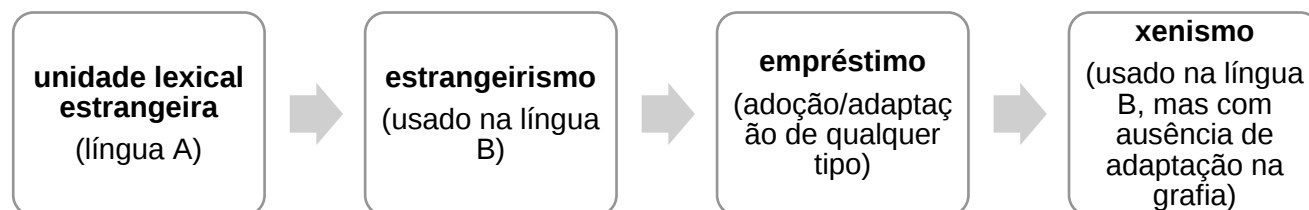
Para esse gramático, um estrangeirismo rompe a barreira de entrada em uma língua pela necessidade e torna-se um empréstimo ao apresentar as modificações necessárias à língua receptora.

A mudança da visão sobre os empréstimos ao longo do tempo é demonstrada pela comparação das opiniões de Câmara Jr (2007 [1956] e Bechara (2019). Para o primeiro, *O empréstimo é a **intromissão** de um elemento de um sistema estranho no sistema considerado*, conceito este que reforça a visão menos adaptativa do estrangeirismo à língua em outros tempos. Já para o segundo, o empréstimo é fonte de **renovação**, quando lexical.

Bechara (2019) classifica empréstimos lexicais em dois grupos (os facilmente assimilados à língua e os que não os são) e amplia este conceito aos estrangeirismos sintáticos e semânticos. Assim, aqueles facilmente assimilados à língua somente são notados como estrangeiros por filólogos (*atelier/bar/campus/diesel*) enquanto outros são facilmente avaliados como estrangeiros, seja pela grafia (*maillot*) ou pelo “disfarce” de vernáculo (maiô).

Segundo Carvalho (2009), apesar de diferentes motivos estabelecerem os empréstimos, tais como, a convivência territorial entre populações, o predomínio cultural ou econômico de um país sobre outro, todos eles percorrem as mesmas etapas em uma língua. A palavra estrangeira chega como estrangeirismo e, somente após adaptações fonético-fonológicas (*aportuguesamento*, segundo Câmara Júnior, 2007 [1956], morfológicas e/ou

ortográficas passa a ser empréstimo (ou neologismo por empréstimo, na terminologia de Alves, 1990). Este fato linguístico revela-se predominantemente no campo lexical, embora possa ser observado na fonologia, morfologia e sintaxe. Desse modo, a introdução de uma unidade lexical estrangeira pode obedecer a quatro fases, segundo a autora:



Caso esta integração seja feita na grafia da língua original (apesar da adequação fonológica), temos um xenismo (*show/ software/ closet*, etc), chamado por Biderman (2001) de *incorporação*, por Sandmann (1991) de *empréstimos não-adaptados* e considerado por Said Ali (1914 apud BECHARA, 2010) como *palavra estrangeira*. Portanto, os empréstimos que mantêm a grafia da língua original são classificados, de acordo com os autores:

Said Ali (1914)	Sandmann (1997)	Biderman (2001)	Carvalho (2009)
palavra estrangeira	neologismo por empréstimo lexical (empréstimo não adaptado)	incorporação	xenismo

Quadro 1: terminologia de empréstimos lexicais, de acordo com diferentes autores.

Alguns autores apresentam divisões para diferentes tipos de estrangeirismos. Biderman (2001) discorre sobre três diferentes tipos de estrangeirismos na língua portuguesa:

a) o *decalque*;

b) a *adaptação*;

c) a *incorporação*.

O *decalque*, como a versão literal da unidade lexical estrangeira (*hot-dog*→cachorro-quente); a *adaptação*, como a conformidade estrangeira à fonética e à ortografia brasileira, demonstrando que o estrangeirismo já fora cristalizado na sociedade, como por exemplo, drinque (*drink*); e a *incorporação*, é a adoção do vocábulo com a sua grafia original, por exemplo, *check-up*.

Decalque	adaptação	Incorporação
Versão literal: <i>Post card</i> → cartão postal	Conformidade fonética e ortográfica ao português: <i>drink</i> → drinque	Conformidade com a grafia original da unidade lexical: <i>mouse</i> → <i>mouse</i>

Quadro 2: tipos de estrangeirismos segundo Biderman (2001).

Sandman (1991) compara a produtividade lexical com a sintática em uma língua e divide sua análise em três grupos de *neologismos por empréstimos*:

A) lexical;

b) semântico; e

c) estrutural.

O neologismo por empréstimo lexical ocorre na palavra estrangeira em sua forma original (fonológica ou ortograficamente, *pizza*, *clip*), morfossintático (*campus-campi*), plenamente adaptada (blecaute), ou naquela em processo de adaptação (*stand-estande*). Já o semântico aparece na tradução que mantém as marcas de importação (*hot-dog/ cachorro-quente*). No estrutural, a adoção feita é de um modelo não vernáculo, como nos casos de DT + DM = determinante + determinado (“videoconferência”, em vez de “conferência por vídeo”).

Said Ali (1914 apud BECHARA, 2010) diferencia ainda estrangeirismo de palavra estrangeira. O estrangeirismo considera a palavra estrangeira que procura acomodar-se à língua para onde emigrou (na pronúncia ou na feição gramatical, por exemplo). Assim, *basquete* (ing. *Basket*) é um estrangeirismo; já *marketing* é uma palavra estrangeira.

Para ele, portanto, a unidade lexical não adaptada ortograficamente à língua receptora permaneceria estrangeira até sua adequação ao vernáculo.

Ainda dentro da categoria de empréstimos, temos três tipos muito comuns nos dias de hoje, principalmente em ambientes virtuais: os *decalques morfológicos*, os *semânticos* e os *estruturais*.

Como vimos, entende-se por decalque/ calque/ calco uma *tradução literal do lexema modelo na língua originária* (BIDERMAN, 2001, p. 208), palavra por palavra, tal como *credit card* → *cartão de crédito* ou *hot dog* → *cachorro-quente*. Ou seja, uma modalidade camuflada de uma unidade léxica alógena, nem sempre facilmente reconhecível.

Do mesmo modo, unidades lexicais existentes na língua de origem, porém utilizadas com uma nova acepção na chegada são consideradas calques semânticos, tal como: *home-office* → trabalho remoto.¹⁹

O usuário é levado por caminhos errados na tradução pela semelhança da forma das lexias das duas línguas; *uma palavra portuguesa e uma inglesa podem apresentar semelhança de forma mas possuir significado totalmente diverso ou o suficiente para levarem a uma má tradução*²⁰.

Carvalho (2009) confirma que, apesar de *a palavra estrangeira ser, no período inicial de acolhida, monossêmica e referencial*, modificações semânticas podem ocorrer durante o processo de tradução. Falsos cognatos, por exemplo, podem induzir o usuário a considerá-los em um sentido diverso do original: *to realize* (perceber), em inglês, traduzido equivocadamente como “realizar” - *Traduções equivocadas resultam em empréstimos de significantes disparatados* (CARVALHO, 2009, p. 65).

Enquanto o calque morfológico reproduz literalmente a expressão da língua de origem, palavra por palavra, mantendo seu significado (*post card* → *cartão postal*); o calque semântico modifica seu sentido durante percurso de tradução.

¹⁹ Em inglês, *home office* refere-se ao lugar da casa onde trabalhamos (escritório) e não ao ato de trabalhar remotamente (*telework/remote work*).

²⁰ MASCHERPE, Mário, Laura Zamarim. *Os Falsos Cognatos na Tradução do Inglês para o Português*. 6ª ed., Bertrand Brasil, 1998.

Já no calque estrutural, o usuário utiliza unidades lexicais da língua vernácula, porém em construções estranhas a ela. Percebemos certo estranhamento na frase traduzida, que não soa natural, podendo haver um acréscimo de uma acepção inexistente na expressão da língua-fonte. Para Ronái (1967), o decalque interfere na tradução tanto do ponto de vista semântico quanto do ponto de vista sintático, pois a ordem das palavras, muitas vezes, compõe o sentido.

Calque morfológico	Calque semântico	Calque estrutural
Reproduz literalmente, mantém significado.	Reproduz literalmente e modifica significado.	Reproduz unidades lexicais vernáculas em construções estranhas a ela.

Quadro 3: Classificação de calques, segundo Carvalho (2009)

Atualmente, a comunicação digital, por meio da internet, exerce papel fundamental na consolidação dos empréstimos linguísticos, pois torna o intercâmbio cultural entre países muito mais célere. Afinal, *a internet não é apenas um fato tecnológico e sim, um fato social [...] e sua principal ferramenta é a linguagem* (BERNERS-LEE, p. 271 apud CRYSTAL, 2006).

Diante de novas tecnologias de comunicação e informação, o maior contato entre pessoas de línguas e culturas diferentes, todos de maneira mais intensa e instantânea, observam-se diferentes formas de empréstimo as quais são o foco dessa pesquisa.

Como observado, a teorização sobre ocorrências de estrangeirismos lexicais é bastante produtiva, ainda que seus estudiosos não tenham encontrado uma padronização terminológica para explicar as diferentes manifestações e/ou fases de transposição de uma unidade lexical de uma língua para outra.

Mas não somente de empréstimos lexicais e semânticos vivem os estrangeirismos. Embora mais abundantes, eles convivem também com os sintáticos em uma língua. Como explicar a interferência atual sintática dos anglicismos no português, além da

lexical e semântica? Interessa-nos, aqui, a análise da importação de unidades lexicais estrangeiras em um meio virtual e a influência que elas estabelecem na estrutura frasal nas combinações da cadeia sintagmática. Assim, passamos a um plano de teorização que transcende a abordagem lexical desse fenômeno linguístico.

2.2 Os estrangeirismos no plano sintático/semântico

Os linguistas geralmente diferenciam gramática do léxico, enfatizando o caráter distintivo entre eles: o primeiro, um sistema fechado em oposição ao segundo, um sistema aberto. Carvalho (2009) defende que o léxico é *a menos sistemática das estruturas linguísticas, em permanente renovação*, dependente na realidade exterior (não linguística), *enquanto as regras combinatórias são mais fechadas, conservadoras e com morfemas gramaticais limitados*.

Já David Crystal (2005) considera a gramática como *regras de uso* e do léxico como *termos*. Assim, as palavras gramaticais (artigos, preposições e conjunções) cuja contribuição está nas relações sintáticas, coexistiriam com as lexicais, de conteúdo meramente semântico.

Câmara Júnior 2007 [1956] comenta que os anglicismos são classificados em léxicos e sintáticos e cita possibilidades sintáticas:

- a) a antecipação de um adjunto adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo;
- b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo, pois anteposto;
- c) o emprego de uma preposição, como *com* ou *contra* isolada do nome a que rege e, geralmente, no fim da oração.

Os lexicais são os *semânticos*, também chamados de *formais* por ele.

O autor comenta a respeito de construções frasais do francês, existentes a partir do século XVIII por influência da onda de galicismos, imperceptíveis atualmente (Câmara Júnior, 2007 [1956], p.153):

- *sobre* no sentido de “acerca de” (ensaio *sobre* a escravidão)
- *a* em adjuntos preposicionados para indicar o princípio ativo de uma máquina (fogão *a* gás)

- *por* para o objeto de um sentimento (entusiasmo *por* Napoleão)
- *de que*, em vez de *cujo* (matéria *de que* tenho conhecimento)

Por meio dos galicismos de outrora, percebemos a dessensibilização de um estrangeirismo ao longo do tempo, tornando-se um empréstimo totalmente incorporado ao idioma atualmente e imperceptível aos que não estudam a língua materna.

No âmbito das construções fraseológicas, porém agora dentro do inglês – nosso foco de estudo – temos a questão da anteposição do adjetivo em português e da colocação das preposições.

De acordo com a doutrina das melhores gramáticas (normativas e descritivas), os adjetivos podem ter sua ordem de colocação livre, conforme ensina Neves (2011, p. 312) – embora com valores comunicativos diversos. Nessa perspectiva, relembra Almeida (1999, p. 487): *A anteposição ou posposição do adjetivo acarreta mudança de sentido*. No geral, na língua portuguesa, o adjetivo é posposto ao substantivo, principalmente nos casos:

- restritivos, com valor objetivo e frequentemente descritivo: “Comprei uma gravata vermelha”. (ALMEIDA, 1999, p. 486)
- explicativos, em situações de comparação ou contraste: “Água mole em pedra dura” (ALMEIDA, 1999, p. 486)

Entretanto, a anteposição do adjetivo pode ocorrer para:

- reforçar o caráter mais subjetivo e pessoal da qualificação, de caráter modalizador – “Ele é um **pobre** homem” (PESTANA, 2023, 197).
- estabelecer a substantivação, situação em que os adjetivos se transformam em substantivos não marcados, indeterminados – “O **bom** da história é que não teve fim” (BECHARA, 2019, p. 160)
- produzir um efeito enfático, como adjetivo restritivo: “Trata-se de um **belo** coração”. (ALMEIDA, 1999, p. 487)
- fazê-lo assumir a característica de pronome indefinido, dando a expressão um sentido completamente diferente, como no exemplo:
homens **diferentes** (adjetivo)

diferentes homens (pronome indefinido)

(ALMEIDA, 1999, p. 197)

- quando é *explicativo e expresso na sua generalidade, sem nenhum interesse de informação nova nem para formar comparações ou contrastes* (ALMEIDA, 1999, p. 486): “As tímidas ovelhinhas pastavam calmamente”.

Afora tais ocorrências, teremos a caracterização de anglicismos sintáticos nas construções antepostas de adjetivos em português.

Já em relação à natureza das preposições ou locuções prepositivas em português, sabe-se que correlacionam dois termos, implicando uma dependência sintática. *Elas introduzem complemento, cuja função é sempre referencial, subordinando um termo a outro ilustrado por um sintagma nominal* (NEVES, 2011, p. 714). Não há seu posicionamento ao final da oração, como em alguns casos em inglês²¹, a não ser eventualmente como um advérbio, conforme exemplos: *Naquela sessão, todos votaram **contra*** (contrariamente – PESTANA, 2023, p. 443). *Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo **após*** (CEGALLA, 1984, p. 229). Portanto, em português, a preposição sempre vincula um termo dependente a um termo principal (ou um *termo antecedente* a um *termo consequente*, segundo Almeida (1999) e exige complemento, estabelecendo assim, uma relação entre ambos. Mais uma vez, à exceção dos casos mencionados, teremos um anglicismo fraseológico.

²¹ “Ou novamente, ambos os casos *This is the lady I was talking to* e *This is the lady to whom I was talking*, coexistem. Autores normativistas preferem a última forma à primeira (“nunca termine uma frase com uma preposição”). Autores funcionalistas destacam o fato de que as duas construções são amplamente utilizadas, tradicionais (usadas no inglês desde a Idade Média) e, principalmente, permitem a diferenciação da formalidade na comunicação: a primeira construção é mais coloquial do que a última. Condená-la a um uso gramatical ruim seria negar aos usuários de inglês uma opção estilística de modificação de estilos, quando apropriado e, desse modo, reduzir a versatilidade e riqueza da língua”.

Or again, both This is the lady I was talking to and This is the lady to whom I was talking co-exist. Prescriptive writers favour the latter and condemn the former ('Never end a sentence with a preposition'). Descriptive writers point out that both usages are widespread, traditional (used in English since the Middle Ages), and important, for they allow people to make a difference in the formality of their expression: the former is more colloquial than the latter. To condemn one version as 'bad grammar' is to deny English users the stylistic option of switching styles, when it is appropriate to do so, and thus reduces the versatility and richness of the language (CRYSTAL, 2005, p. 68).

Ainda dentro da questão sintática da ordem de elementos frasais, nos deparamos com as colocações. O termo colocação (*collocation*, em inglês), segundo Tagnin (2013, p. 63), *foi introduzido pelo linguista britânico J. R. Firth para designar casos de co-ocorrência léxico-sintática, ou seja, palavras que usualmente ‘andam juntas*. Ligado à lexicologia, define combinações lexicais comumente usadas, convencionalizadas, as quais são classificadas, de acordo com a tipologia Tagnin (2013) em:

- colocações adjetivas (Adj + S em inglês; S + Adj em português). Temos como exemplo: *brown sugar*/açúcar mascavo;
- colocações nominais: (S + S). Temos como exemplo: *baking powder*/fermento em pó;
- colocações verbais: (V + (Art) S). Exemplo: *make arrangements*/ tomar providências;
- colocações adverbiais: (Adv + Adj/ v + adv). Exemplo: *fully agree*/ concordar plenamente;
- colocações coletivas. Exemplo: *a herd of cattle*/ um rebanho de bois.

Caso as combinações consagradas sejam de um elemento lexical com uma categoria ou padrão gramatical teremos as coligações:

- Coligações de regência (V/S/Adj/Adv + preposição). Exemplo: *result from*/ resultar de;
- Coligações prepositivas (Prep + SN) e (Prep + SN + prep.). Exemplos: *at random*/ ao acaso e *for the sake of*/ para o bem de;
- Verbos frasais (*phrasal verbs*) – classe não existente em português, formada por um verbo + partícula adverbial (e não uma preposição), formando uma única unidade linguística. Exemplo: *They finally gave in* (Eles finalmente se renderam).

Portanto, segundo Tagnin (2013), caso a convencionalidade esteja ligada a uma combinação gramatical, receberá o nome de “coligação”, se somente lexical; “colocação”.

Muitas vezes, um estranhamento na composição fraseológica origina-se de uma questão ligada à colocação ou à coligação, caracterizando um estrangeirismo sintático. Na convencionalidade sintática a combinabilidade dos elementos das unidades linguísticas convencionais deve ser formada pelo encontro de uma base a um colocado, seja ele gramatical ou lexical. A base é a unidade lexical conhecida e que irá exigir o colocado. Em um mundo globalizado como o nosso, regido por relações sociais predominantemente virtuais, torna-se relevante a análise das mudanças trazidas pelo advento da internet para as opções de convencionalidades atuais – é o que será focalizado no capítulo a seguir.

3. OS ESTRANGEIRISMOS NAS REDES SOCIAIS

Conforme discutido no capítulo anterior, os estrangeirismos incorporam-se à língua por meio de empréstimos de diversos tipos e dependem das formas de convivência social, as quais modificam-se ao longo do tempo. Na sociedade contemporânea, empréstimos expressam-se em grande parte pela língua usada em ambientes virtuais, fato este que torna imprescindível a análise do advento da internet e da relevância da rede social Instagram. É o que se propõe a expor no presente capítulo.

3.1 O papel da internet

A internet nasce no final da década de 1960 como ARPANET – rede da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada – com o objetivo de ligar importantes instituições acadêmicas e governamentais norte-americanas. Já na década de 1980, a abertura do serviço para o público em geral *proporcionou à língua falada e escrita um veículo de comunicação linguisticamente novo* (CRYSTAL, 2005).

Como efeito, o acesso imediato a outras línguas (majoritariamente, o inglês) e culturas por meio do surgimento de uma tecnologia revolucionária de comunicação online estabelece a globalização, modificando o alcance expressivo das línguas e estabelecendo novas convenções.

A internet nos proporcionou um meio linguístico novo, que oferece uma escala completamente nova de possibilidade de expressão, com dimensões inéditas de variação estilística e formas novas de enfocar o uso da língua (CRYSTAL, 2004, p.103).

O referido autor comenta a alteração do equilíbrio do poder linguístico de uma forma sem precedente com o surgimento do inglês como língua global, fato este que veio a gerar *um novo conjunto de atitudes sobre as línguas* (CRYSTAL, 2005, p. 133).

Talvez por tratar-se de um meio linguístico recente, temos poucas análises teóricas sobre o assunto. David Crystal é um dos poucos autores que discorrem sobre ele, ao defender a relevância do estudo por sua importância social e, conseqüentemente, linguística: O papel da linguagem torna-se central ao analisarmos a internet cada vez mais pela perspectiva social (CRYSTAL, 2005).²²

Chamada por David Crystal (2005) de *netspeak*, a variedade linguística mediada por computador difere absolutamente da escrita e fala convencional²³, pois:

- não há limitação de espaço (ao contrário do que ocorre na escrita tradicional);
- a escrita não é estática (o texto se move pela tela, desaparece/reaparece, muda de cor, etc);
- há interferência do usuário no texto;
- a construção textual é célere, sem o planejamento da escrita tradicional;
- há ocorrência de links de hipertextos.

Os links de hipertextos – atalhos que os usuários podem utilizar para ir à outra página e/ou site – diferenciam-na sobremaneira da escrita tradicional.

Não há nada na linguagem escrita tradicional que lembre sequer remotamente essa flexibilidade dinâmica e centralização dos links de hipertextos na web (TIM BERNERS-LEE apud Crystal, 2006, p. 89)

Por ser muito mais do que uma breve descrição de características faladas e escritas, ou um híbrido entre elas, o *netspeak* deve ser visto como uma nova maneira de

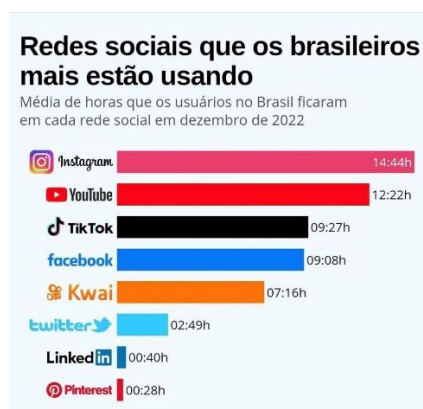
²² And as the Internet comes increasingly to be viewed from a social perspective, so the role of language becomes central (CRYSTAL, 2005).

²³ A comunicação mediada por computador não é de modo algum como a escrita convencional (CRYSTAL, 2005, p. 87).

comunicação. Os textos eletrônicos são fluidos, simultâneos (presentes em várias máquinas ao mesmo tempo) e permeáveis, através dos links. Todas essas características geram consequências na língua, o que torna o *netspeak* um autêntico “novo veículo” (CRYSTAL, 2005, p. 90): *A comunicação mediada por computador não é idêntica à fala ou à escrita, mas exhibe certas propriedades seletivas e adaptáveis presentes em ambas.* (CRYSTAL, 2005, p. 90)

Ao percebermos o surgimento da internet como uma revolução na sociedade, equiparável às grandes invenções da humanidade como a energia elétrica e o automóvel, não podemos deixar de considerar seu imenso impacto linguístico²⁴. Já em 1996, o jornal *The Economist* previa a chegada de uma “língua global”, com a atuação crescente dos eletrônicos na linguagem – *A linguagem e os eletrônicos: a próxima língua global*.²⁵

A internet hoje, entre outras coisas, congrega diferentes redes sociais, sendo as mais populares o Facebook, Instagram, Youtube, Whatsapp e Tiktok. Optamos pelo aplicativo Instagram devido a sua popularidade entre usuários brasileiros (vide quadro abaixo), além da sua impressionante ascensão no mundo e previsão de crescimento no Brasil para os próximos anos.



Fonte: 4insiders (Instagram) de 24 de março de 2023 – Comscore, “Tendências de Social Media 2023”.

²⁴ “Se a internet é uma revolução, muito provavelmente será uma revolução linguística”. *If the Internet is a revolution, therefore, it is likely to be a linguistic revolution.* (CRYSTAL, 2005, p. x)

²⁵ “A Linguagem e os Eletrônicos: a próxima língua global” – ‘*Language and electronics: the coming global tongue*’, The Economist, 21 December 1996, 37.

3.2 A Relevância do Instagram

Inicialmente formulado para ser uma rede social de fotos com a opção de compartilhamento de localização e filtros de imagem, o Instagram foi lançado pelo brasileiro Mike Krieger e pelo norte-americano Kevin Systrom em 2010 e tornou-se um sucesso ainda em seu lançamento. Já no primeiro ano de existência, atingiu a marca de 1 milhão de usuários pelo mundo e apenas 2 anos depois foi comprado pelo Facebook por US\$1 bilhão (canaltech.com.br).

Hoje mais de 1 bilhão de pessoas usam a rede social mundialmente e não há como negar a importância dela em nosso país. O Brasil é a terceira nação com mais usuários ativos na rede no mundo (119,45 milhões), ficando apenas atrás do número dos Estados Unidos (159,75 milhões) e da Índia (230,25 milhões).²⁶ De acordo com a mesma empresa, 58,1% dos usuários no Brasil são mulheres e 41,9%, homens; e não somente jovens – apesar de haver maior concentração de pessoas entre 25 e 34 anos. Segundo a pesquisa, projeta-se um aumento no número de usuários no Brasil para 135 milhões até 2025, ou seja, um crescimento de 13% em apenas 3 anos. A empresa destaca-se como a quarta rede social mais valiosa do mundo em 2023, com o valor da marca estimado em US\$ 47,7 bilhões²⁷.

Devido a esta relevância mundial, percebemos o protagonismo e importância da tecnologia digital na sociedade contemporânea e, conseqüentemente, seu impacto nas formas de expressão e comunicação: *A internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo* (MARCUSCHI, 2008, p.16)

Atualmente o aplicativo gratuito é uma ferramenta interativa que permite não somente compartilhamento de fotos, mas também de textos e de vídeos de curta duração, de fácil manuseio e com edições rápidas. Nele também é possível seguir usuários, compartilhar, curtir e comentar publicações pessoais e profissionais. Possui uma estrutura específica: opera no mundo digital, com alta interatividade, geralmente assíncrona e predominantemente escrita, embora a integração de recursos semióticos ocorra. Podemos percebê-los na inserção cada vez mais comum de fotos, vídeos, músicas e

²⁶ Dados da Statista de 2022.

²⁷ Brand Finance Global, 2023.

vozes concomitantemente com a escrita nas publicações. A monitoração de sua linguagem é considerada baixa, devido ao grau de descontração, informalidade e celeridade de interação. Contém muitas funcionalidades capazes de impulsionar marcas e vendas online, além de alavancar uma profissão nova no mercado: a de influenciadores digitais, os quais inspiram pessoas de todas as faixas etárias, de acordo com o seu segmento, a consumir estilos de vida e produtos variados. A presença de *hipertextos*, viabilizados por *hiperlinks* – informações dêiticas não lineares que dialogam com outras interfaces multissemióticas – aparece também como uma importante característica.

O hipertexto é um dispositivo, ao mesmo tempo, material e intelectual, que permite, mediante os *links* nele indexados, acessar os demais hipertextos que circulam na internet, criando, dessa maneira, estruturas textuais que são atualizadas pelas práticas e pela história individual de cada leitor. O hipertexto não é um suporte material ou um único texto, mas uma prática multimodal que envolve os processos de escrita e de leitura atualizados na tela do computador. (KOMESU, 2005, p. 98)

Por meio deles, podemos optar por uma saída que nos conduzirá a um atalho para novas informações através dos *hiperlinks*. Apresentam-se geralmente sob a forma de um texto destacado na cor azul que, ao ser clicado, redireciona o usuário, criando sua forma de construção de sentido no ciberespaço, estabelecendo assim uma intertextualidade virtual. Segundo Xavier (2004), o hipertexto pode ser entendido como uma *forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade* (XAVIER, 2004, p.171).

Entendemos que o ciberespaço (internet) como meio de condução, de viabilização do Instagram, conforme ensinamento de Marcuschi: *O caso da internet tanto pode ser um suporte, um meio ou um serviço a depender do aspecto da observação* (MARCUSCHI, 2008).

No caso em questão, a rede digital trabalha como um meio virtual de comunicação, um mecanismo de transmissão de informações que permite a veiculação dos diferentes gêneros dentro do suporte Instagram. Não fosse assim, os diversos gêneros característicos do Instagram circulariam livremente por qualquer outro suporte e seriam

viabilizados fora do ciberespaço, o que não ocorre. Ademais, o aplicativo existiria a despeito da rede de internet, fato impossível.

Logo, consideramos o Instagram um suporte virtual convencional, pois foi elaborado para fixar textos de formatos específicos e apresentá-los para fins comunicativos particulares, embora não os conduza. Afinal, esta função cabe à internet. O suporte é sempre fundamental para que o gênero circule na sociedade, ambos estão sempre vinculados, conforme afirma Marcuschi:

Definição de suporte: entendemos aqui suporte de um gênero um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. [...] A ideia central é que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele (MARCUSCHI, 2008, p. 74; 174)

Assim, o Instagram apresenta-se como um *locus* virtual, com formato pré-determinado, responsável pela fixação dos diversos gêneros apresentados pelo aplicativo.

Mainqueneau (2001) defende que o suporte é o lugar da manifestação material do discurso, chamado por ele também de “*médium*”: *Todo gênero de discurso implica um certo lugar e um certo momento*. De fato, qualquer postagem multissemiótica no aplicativo será sempre uma manifestação material de um discurso que somente pode ser veiculado ali, em nenhum outro lugar e todas essas situações comunicativas recorrentes, materializadas em textos, determinarão gêneros específicos.

Com efeito, o Instagram opera funcionalmente na construção de seus gêneros, influenciando sua natureza. Estes, por sua vez, promovem a realização concreta dos textos e possuem sequências tipológicas próprias, padrões sociocomunicativos específicos. As citações a seguir são exemplos de gêneros do Instagram, pois têm funções específicas de comunicação no aplicativo:

- Gênero *post* (escrito);
- Gênero Foto ou vídeo no *feed*;
- Gênero *chat* privado assíncrono;

- Gênero *live* síncrona;
- Gênero *story* (válido por 24h);
- Gênero *Reels* – vídeos ou fotos com duração de até 90 segundos.

A intergenericidade é outra característica comum aos gêneros digitais devido à informalidade e às múltiplas semioses. Uma hibridização entre gêneros do Instagram ocorre para que os diversos propósitos comunicativos possam ser cumpridos, como por exemplo:

- o gênero *post* escrito + gênero foto;
- o Gênero *post* escrito + gênero vídeo (dentro do *feed*);
- o gênero *story* (*reels*) + legenda

Registradas as características organizacionais do Instagram, passamos, a seguir, à descrição do *corpus* e sua respectiva análise, de acordo com os fundamentos teóricos selecionados para compor esta pesquisa.

4. MÉTODO E ANÁLISE DO *CORPUS*

Conforme registrado no capítulo anterior, a Internet atua como um meio de condução virtual de comunicação, e permite a veiculação de diferentes gêneros dentro do suporte virtual convencional chamado Instagram. Explicitaremos, a seguir, o método para a análise das ocorrências levantadas do aplicativo. Na sequência, apresentaremos o *corpus* de estudo e o exame das ocorrências. Finalizaremos com a discussão dos resultados obtidos.

4.1 Descrição metodológica

Trata-se de uma pesquisa teórico-analítica, cujo procedimento descrevemos a seguir: para a investigação do uso dos anglicismos lexicais e principalmente os sintáticos no Instagram, o primeiro passo foi a constituição de um *corpus* composto por publicações em perfis públicos na rede social. Optamos por uma análise por amostragem, razão pela qual propusemos um recorte temporal delimitado entre os anos 2020 e 2023, de modo a refletir como esse tipo de ocorrência se manifesta no último triênio.

O critério de seleção das ocorrências incidiu sobre duas modalidades textuais do Instagram:

- *post* (escrito e fixo no perfil);
- *reels* (vídeos curtos e temporários, legendados).

Na sequência, procedemos ao estabelecimento de critérios para o estudo das ocorrências. Para o *corpus* de exclusão, optamos pela análise baseada em gramáticas do português, aqui representadas sobretudo por Bechara (2019), Almeida (1999) e

Neves (2011), bem como pela atestação de registro no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)²⁸.

Devido a uma flutuação terminológica do assunto (capítulo 2), optamos pela terminologia proposta por Biderman (2001) e Tagnin (2013), avaliadas como as mais pertinentes ao tipo de *corpus* a ser analisado.

Embora a investigação possa ser realizada por ferramentas computacionais – meio de pesquisa na área de Linguística de *Corpus* (LC) – toda a seleção aqui obtida foi manual, por observação pessoal. O principal objetivo não foi a realização de uma pesquisa exaustiva sobre o assunto, e sim a realização de uma análise por amostragem no *corpus* selecionado, portanto, sem o auxílio de *softwares* de processamento automático.

A compilação obtida foi subdividida e as publicações agrupadas em dois grupos:

- Grupo I: anglicismos lexicais;
- Grupo II: anglicismos semântico-sintáticos.

Para a explicitação dos significados em português e inglês, foram consultados os dicionários *Longman Dictionary of Contemporary English* (1995) e “Novo Aurélio do Século XXI” (FERREIRA, 1999).

As ocorrências foram analisadas de acordo com as seguintes categorias:

- tipo de estrangeirismo;
- significado ou construção em inglês/português;
- estratégia de uso do autor;
- conclusão.

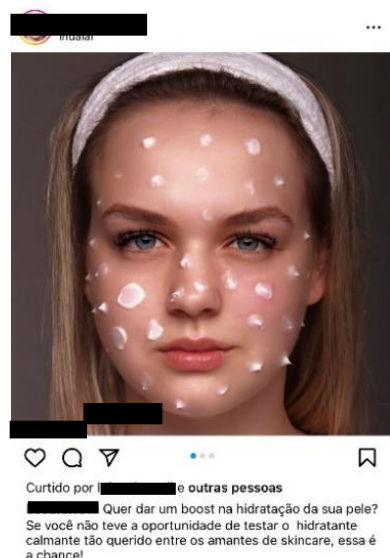
O elemento linguístico a ser estudado será destacado em negrito, dentro do enunciado em que estiver inserido e enumerado, de modo a facilitar a indicação referencial.

²⁸ Cf. <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>

Ainda que a pesquisa seja restrita a informações públicas, nos *posts* ou *reels* em que aparecem algum tipo de informação pessoal, como nome próprio ou foto; foram inseridas tarjas de modo a preservar esse tipo de dado.

4.2 Análise dos dados

Grupo I: anglicismos lexicais



07/out/22

- (1) Quer **dar um boost** na hidratação da sua pele?
- (2) Se você não teve a oportunidade de testar o hidratante calmante tão querido entre os amantes de **skincare**, essa é a chance.

Tipo de estrangeirismo

Trata-se de dois casos de anglicismos: sintático, (1) e lexical (2), com ausência de modificação na grafia, caracterizando incorporações. (BIDERMAN, 2001).

Significado ou construção em inglês/português

to boost: melhorar, fortalecer, reforçar, desenvolver, impulsionar; aumentar, entre outros.

Skincare: cuidados com a pele.

Estratégia de uso do autor

O usuário optou pelo emprego de unidades lexicais em inglês, ainda que existam equivalentes em português. Em (1), temos a transformação de uma unidade lexical estrangeira (*boost*) em uma construção sintática por meio de um sintagma verbal, ao optar pela colocação “dar um *boost*”. Em (2), a unidade lexical *skincare* aparece como uma reprodução literal, sem alteração de grafia.

Conclusão

Na área de cosméticos, há uma padronização de certas unidades lexicais estrangeiras, as quais passam a soar pouco familiar em português. As associações resultantes desse uso não nos remeteriam somente a um significado, mas a um meio social ou cultural que gostaríamos de estar inseridos no momento da comunicação.

Ocorre que a combinação de base + colocado (dar um + boost) não é consagrada em português e poderia ser facilmente substituída por “Quer **melhorar** a hidratação da sua pele”?

Dessa forma, no caso em questão, o usuário obteve uma construção sintática por meio de uma colocação para adequar-se ao seu objetivo.

Ressaltamos a dicionarização recente da unidade lexical *booster* (VOLP 2021 – 2022) derivada do verbo *to boost*, em inglês. A lexia *skincare*, por sua vez, não está dicionarizada, portanto ainda não é considerada um empréstimo plenamente adaptado.



16/fev/22

- (3) E o que falamos quando funcionários reclamam de **burnout** e que estão sobrecarregados?;
- (4) Vamos melhorar **worklife balance**?;
- (5) Vc é desorganizado + **webinar** de otimização de tempo.

Tipo de estrangeirismo

Entre os três estrangeirismos lexicais apresentados *Burnout*, *Worklife balance*, *Webinar*, temos dois recentemente dicionarizados (*Burnout* e *Webinar* – VOLP 2021 – 2022). Todos apresentam-se sob a forma de incorporação (BIDERMAN, 2001), com a reprodução gráfica da língua estrangeira.

Significado em inglês/português

Burnout: esgotamento

Worklife balance: equilíbrio entre vida profissional e pessoal

Webinar: seminário virtual

Estratégia de uso do autor

Reprodução das unidades lexicais estrangeiras usadas no ambiente de trabalho atualmente.

Conclusão

A dessensibilização da língua materna, ocasionada pela ampla adoção desses anglicismos em ambientes de trabalho atualmente, leva o ouvinte a estranhá-las quando usadas em português, fortalecendo seu uso em inglês. Uma prova desse fato revela-se pela dicionarização de duas, entre as três aqui apresentadas.



13/nov/22

(6) **Makes** nacionais da (7) **Beauty** (8) **November** para recheiar o (9) **nécessaire**.

Tipo de estrangeirismo

Trata-se de três anglicismos (6, 7 e 8) e um galicismo (9) lexical, com ausência de modificação na gráfica, caracterizando incorporações. (BIDERMAN, 2001). Entretanto, na lexia **makes** (6), percebemos também um decalque semântico, pois sua grafia ocorreu de acordo com a língua de origem, porém com um novo significado na língua de chegada.

Significado em inglês/português

(6)Makes: *to make* (v.) – realizar, executar; elaborar; criar; produzir; construir, entre muitas outras acepções em português. No sentido de “maquiagem”, deveria constar como “make-up” – lexia já dicionarizada pelo VOLP, inclusive.

(7)Beauty: *beleza*.

(8)November: *novembro*.

(9)Nécessaire: *bolsa de mão, estojo, nécessaire (VOLP)*,

Estratégia de uso do autor

Utilização de unidades lexicais estrangeiras, sem a modificação gráfica, do ramo da beleza.

No caso da lexia “makes”, o autor optou por um neologismo por decalque semântico, ao transformar um verbo do inglês (*to make*) em um substantivo em português (maquiagem).

Conclusão

Mais uma vez, vemos que as associações resultantes do uso, principalmente de anglicismos, na área de cosméticos, não nos remetem somente a um significado, mas a um meio social ou cultural que pretendemos estar inseridos no momento da comunicação – no caso, o dos EUA e da França.



Publicação em reels

(10)Sale até 70% **(11) off**

(12)Shop now

Tipo de estrangeirismo

Anglicismos lexicais, com a manutenção gráfica e semântica da língua de origem, caracterizando uma incorporação (Biderman, 2001).

Significado em inglês/ português

(10)Sale: venda;

(11) (70%) off: desconto de 70%;

(12) Shop now: compre agora (shopping center dicionarizado VOLP).

Estratégia de uso do autor

Utilização de unidades lexicais estrangeiras tão somente para sofisticar e globalizar a imagem das lojas, já que existem equivalentes em português.

Conclusão

Concluímos que, apesar da existência de unidades lexicais equivalentes em sua língua materna, o usuário muitas vezes opta pelo anglicismo para valorizar seu produto. Para eles, por exemplo, as unidades lexicais *oferta/liquidação* poderiam ser associadas a produtos mais populares, logo, deveriam ser evitadas.

Grupo II: anglicismos sintático-semânticos



Publicação em reels

(13) **Salve** (14) R\$10.99 por dia

Tipo de estrangeirismo

Trata-se de um anglicismo com decalque semântico (13) e outro estrutural (14).

Significado em inglês/português (principais acepções)

(13) **To save**: 1. salvar alguém, 2. (**to save money**) economizar.²⁹

(14) R\$10.99 → R\$10,99.

Salvar: tirar ou livrar (de ruína ou perigo), pôr a salvo.³⁰

²⁹To save: 1. To save from harm/danger, 2. Money in a bank (LONGMAN, 1998)

³⁰ Aurélio, 1999

Estratégia de uso do autor

A tradução literal de *save* (inglês) para *salvar* (português) poderia caracterizar um decalque morfológico, caso o sentido da unidade lexical fosse mantido na língua de chegada. Ocorre que a acepção do termo é outra, caracterizando um decalque semântico, ou seja, um falso cognato. Ao deparar-se com uma lexia semelhante graficamente em seu idioma, o usuário é induzido a utilizá-la, não observando a mudança semântica muitas vezes ocorrida no trajeto. A semelhança traiçoeira do verbo *to save* em inglês justifica a confusão, mas em português:

- *To save money*= **economizar, poupar** dinheiro.

Em relação à pontuação utilizada para designar as casas decimais no preço, optou-se pelo uso do ponto decimal R\$10.99, construção abonada somente pela língua inglesa.

Conclusão

A semelhança gráfica de unidades lexicais, aliada à presença constante do inglês como língua franca mundial nos meios digitais, leva os usuários a uma impropriedade linguística, ao privilegiar a forma sobre o conteúdo. Percebemos tal ocorrência no uso do verbo *to save (money)*, do inglês como **salvar, em português, embora** o significado seja **economizar**.

Em relação ao item (14), afirmamos que, para delimitar os números de casas decimais em algarismos indicativos de valor monetário, a única pontuação que se pode empregar é a vírgula. O uso do ponto, como sinal de separação de casas decimais, é uma convenção empregada em países anglófonos, ou daqueles que seguem o modelo de notação anglófona (Cf. LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. São Paulo: Ática, 1998).³¹

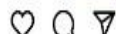
³¹ Destaca-se, ainda a Portaria do INMETRO nº 590, de 02 de dezembro de 2013, item 3.5.1, na qual se regulariza a grafia dos números. Em uma de suas seções, lê-se “3.5.1 Para separar a parte inteira da parte decimal de um número, deve ser sempre empregada uma vírgula. Quando o valor absoluto do número é menor que 1, coloca-se 0 à esquerda da vírgula.”



Curtido por [redacted] e outras pessoas

[redacted] Os nomeados para a 95a edição do #oscar acabaram de ser divulgados...agora é hora de colocar os filmes em dia e esperar a grande festa do cinema... mais

24/jan 2023



Curtido por temquevercinema e outras pessoas

[redacted] NO CLIMA DO OSCAR, JÁ SABE O QUE ASSISTIR NO FIM DE SEMANA?

Aproveitando as nomeações ao Oscar, decidi focar essa semana em filmes com relação à premiação disponíveis nos streamings.

28/jan/2023

(15) Os **nomeados** para a 95a edição do #oscar acabaram de ser divulgados...

(16) Aproveitando as **nomeações** ao Oscar, decidi...



Curtido por [redacted] e outras pessoas
 [redacted] ✨ Separei 3 máscaras que são incríveis pra você colocar na lista de desejos... mais
 4 de agosto de 2022 · Ver tradução



Curtido por ripge e outras pessoas
 [redacted] A imigração canadense tem anunciado medidas e ações para cada vez mais aumentar o número

01/out/22

(17) **Máscara** de cílios que vão te conquistar.

(18) Deixe sua **aplicação** preparada para qualquer processo de imigração.



Curtido por [redacted] e outras pessoas
 fridaviajante 🌍 Chegou a hora de escolher para quais universidades você vai aplicar!

12/março/21

(19) Chegou a hora de escolher para quais universidades você vai **aplicar**!

Tipo de estrangeirismo

Trata-se de anglicismo com decalque semântico em todas as ocorrências (15, 16, 17, 18 e 19), com manutenção da forma, mas com a modificação do sentido no percurso da tradução.

Significado em inglês/ português

Nos exemplos abaixo os valores semânticos equivalentes diferem em português, ainda que a forma seja parecida em inglês:

- Ocorrência 2, **nomeados (15)**:
Em inglês, *nominee*: “indicado”;
Em português: indicado, sendo “nomeado”, apenas aquele *que recebeu nomeação para exercer função pública ou emprego*³²;
- Ocorrência 3, **nomeações (16)**:
Em inglês, *nomination*: indicação
Em português: nomeação (vide explicação acima);
- Ocorrência 4: **Máscara de cílios (17)**.
Em inglês: *mascara*: rímel;
Em português: rímel, sendo máscara um: *objeto [...] que representa uma cara, ou parte dela, e destinado a cobrir o rosto, para disfarçar a pessoa que o põe*³³
– entre outros significados similares, sempre com o intuito de cobrir o rosto, e não de enfeitar ou pintar os olhos.
- Ocorrência 5 **aplicação (18)**:
Em inglês: *Application*: requerimento, pedido.
Em português: “Aplicação” refere-se à utilização prática de algo.
- Ocorrência 6: **aplicar (19)**.
Em inglês: *to apply*: fazer inscrição, candidatar-se.
Em português: “aplicar” no sentido de pôr em prática, administrar remédios, entregar-se com afinho a algo, entre outros, mas não o de “inscrever-se a algo”.

³² Novo Aurélio, século XXI, 1999

³³ Novo Aurélio, século XXI, 1999.

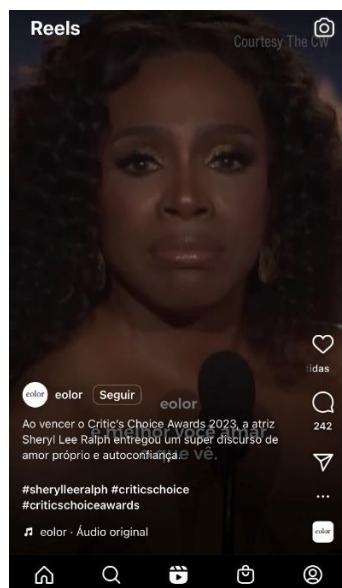
Estratégia de uso do autor

- ***nominee*** → (15) nomeado (ocorrência 2) → indicado (português);
- ***nomination*** → (16) nomeação (ocorrência 3) → indicação (português);
- ***maskara*** → (17) máscara (ocorrência 4) → rímel (português);
- ***application*** → (18) aplicação (ocorrência 5) → inscrição (português);
- ***(To) apply*** → (19) aplicar (ocorrência 6) → candidatar-se (português);

Nos exemplos acima os valores semânticos equivalentes diferem em português, ainda que a forma seja parecida em inglês: Decalques na forma induzem o usuário a propagar um falso cognato na tradução, com valores semânticos equivocados na língua de chegada.

Conclusão

Observamos a existência de decalques da forma dos substantivos “nomeados”, “nomeação”, “máscara”, “aplicação”, dos verbos “aplicar” e “salvar”, ocasionando erros de conteúdo e impropriedades na escolha lexical das ocorrências analisadas. Em que pese as mesmas lexias e construção frasal, não há qualquer equivalência semântica entre as expressões, caracterizando um calque da forma.



Publicação em reels



24/janeiro/23

(20) Ao vencer o Critic's Choice Awards 2023, a atriz Sheryl Lee Ralph **entregou** um super discurso...

(21) É absurdo duas atrizes excelentes que **entregaram** papéis memoráveis em 2022 terem sido esnobadas pelo Oscar.

Tipo de estrangeirismo

Anglicismo sintático, com decalque estrutural.

Significado em inglês/português (entre outros)

- To deliver: 1. entregar, distribuir, 2. Realizar, fazer, desempenhar, 3. proferir, pronunciar um discurso.³⁴
- **Proferir** um discurso, **desempenhar** um papel no cinema.

Estratégia de uso do autor

³⁴ Longman, 1998.

Diante da existência da expressão “*to deliver a speech/ lecture/talk/ a job*” em inglês, o usuário baseia-se no significado mais usual do verbo estrangeiro (*to deliver*, entregar) para aplicá-lo em português, desconsiderando a forma aqui consagrada.

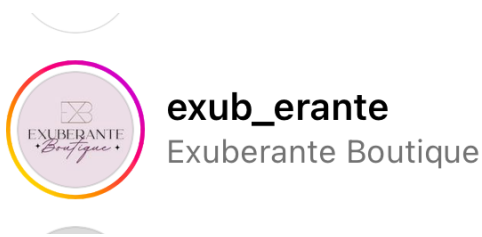
Conclusão

Nas ocorrências acima, temos uma impropriedade na escolha do verbo “entregar” da tradução.

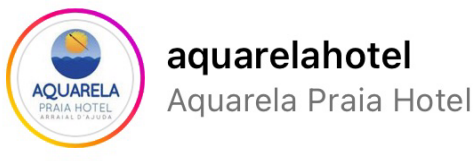
A falta de conhecimento do usuário das combinatórias lexicais em sua língua vernácula acarreta um anglicismo sintático, pois, em português, não “entregamos um discurso”, e sim; o proferimos, o realizamos. Desse modo, a co-ocorrência léxico-sintática, característica da correta *colocação*, fica prejudicada.

A existência da expressão “*to deliver a speech/ lecture/talk*”, em inglês, explica o uso do anglicismo, pois uma das acepções do verbo *to deliver*, em inglês, é entregar.

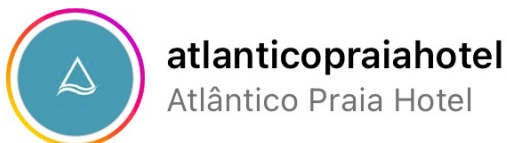
a)



b)



c)



(22) Exuberante Boutique, Aquarela Praia Hotel, Atlântico Praia Hotel.

Tipo de estrangeirismo

Trata-se de um anglicismo sintático, por decalque estrutural.

Significado ou construção em inglês/português

—

Estratégia de uso do autor

Anteposição dos adjetivos, em relação ao substantivo, assim como na construção do inglês.

Conclusão

Conforme apresentado no capítulo 2, em alguns casos, há a possibilidade de os adjetivos terem sua ordem de colocação livre em português – o que não ocorre aqui.

Nos casos em questão, todos são ocorrências de posposição do adjetivo em português, com valor descritivo, não sendo justificáveis as construções, pois:

- a) A boutique³⁵ é exuberante (Boutique exuberante);
- b) O hotel de praia chamado Aquarela (hotel de praia Aquarela);
- c) O hotel de praia cujo nome é Atlântico (hotel de praia Atlântico).

Logo, a inversão da ordem fraseológica caracteriza-se como anglicismo sintático, devido à importação de estrutura sintática alheia ao português.

³⁵ boutique, galicismo lexical



(23) Não é **sobre** bancar a conta do jantar.



(24) É **sobre** valorizar os momentos, as pessoas, as conexões.

Tipo de estrangeirismo

Anglicismo sintático, por decalque estrutural (23) e (24).

Significado ou construção em inglês/ português

- O assunto refere-se a não bancar a conta do jantar.
- Trata-se de valorizar os momentos, as pessoas, as conexões.

Estratégia de uso do autor

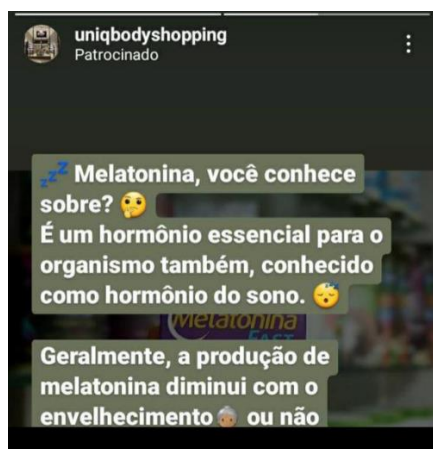
Decalque da construção sintática do inglês It's **about**/ It's not **about** something.

Conclusão

Trata-se de calco estrutural da língua inglesa, com erro de convencionalidade das unidades linguísticas por coligação da regência. A sintaxe estrangeira é percebida pela construção fraseológica importada do inglês: It's not **about**/ It's **about** something.

Em português, o uso da composição “é sobre”, sem nenhum referencial ou determinação de assunto caracteriza um anglicismo. Podemos dizer em nossa língua: “**O livro** (referencial) é **sobre cavalos** (assunto)”, mas não “É sobre cavalos”. Neste caso, temos ainda a oferta de outra construção vernácula possível: “trata-se de” ou “refere-se a”.

Outra construção possível seria “**A vida** (referencial) é valorizar os momentos...”, sem a preposição “sobre”.



Publicação em reels

(25) Melatonina, você conhece **sobre**?

Tipo de estrangeirismo

Anglicismo sintático, por decalque estrutural e coligação de regência (25).

Significado ou construção em português

“Melatonina, você conhece este produto?”

“Melatonina, você sabe algo sobre ela?”

“Melatonina, já ouviu falar?”

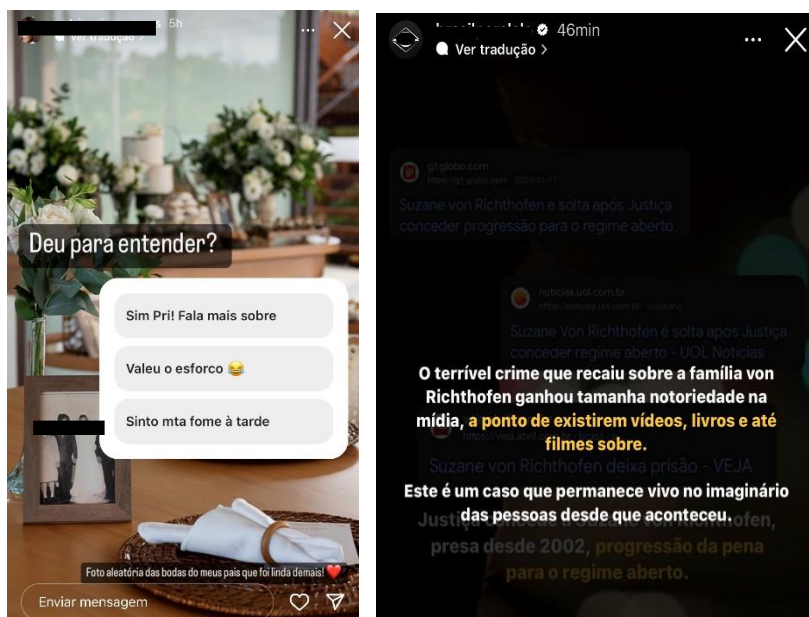
Estratégia de uso do autor

Reprodução da construção frasal do inglês com verbo regido de acordo com as regras estrangeiras.

Conclusão

Na análise em questão observamos um anglicismo estrutural, com calque da ordem fraseológica do inglês. Afinal, não encerramos períodos com preposições em nossa língua: “Melatonina, você conhece **sobre**?”

Além da disposição alógena dos termos no período, temos ainda o fato de as preposições participarem da transitividade do verbo, desde que necessárias. No caso em questão, o verbo *conhecer*, na acepção apresentada, em português, não é regido por preposição alguma, pois TD. Entretanto, da construção do inglês temos *to know **about** sth* (saber a respeito de algo, conhecer), o que justifica o raciocínio utilizado. Assim, caracteriza-se a construção fraseológica do inglês, esta sim regida por preposição.



Publicações em reels

(26) Sim Pri! Fala mais **sobre**

(27) O terrível crime que recaiu sobre a família von Richthofen ganhou tamanha notoriedade na mídia, a ponto de existirem vídeos, livros e até filmes **sobre**.

Tipo de estrangeirismo

Anglicismo sintático, por decalque estrutural e coligação de regência (26) e (27).

Significado ou construção em inglês/ português

- “Tell me more about **it**”
- “...videos, books and even films about **it**”
- “...a ponto de existirem vídeos, livros e até filmes **sobre isso**.”

Estratégia de uso do autor

O usuário optou pela preposição ao final da oração em português como uma tentativa de construção da língua inglesa, embora apresente-se incorreta em ambas, no caso em questão. Em português, a preposição vincula dois termos e exige complemento, conforme vemos pelos termos destacados a seguir:

Ocorrência 5: “Fale mais sobre (**isso**);

Ocorrência 6: “[...a ponto de existirem vídeos, livros e até filmes sobre **(isso/ o assunto)**”.

Conclusão

A não familiaridade do usuário com construções de seu próprio idioma, assim como a ausência de domínio do idioma a ser copiado direciona escolhas para construções impróprias.

Desconhece-se a natureza das preposições em português de correlacionar dois termos, de introduzir um complemento e de não existir ao final de uma oração, a não como um advérbio (vide capítulo 2).



Publicação em reels

(28) Eu **fui pedido** para me retirar.

Tipo de estrangeirismo

Anglicismo sintático, com decalque estrutural (28).

Significado ou construção em inglês/português

- *I was asked to leave*;
- Pediram que me retirasse.

Estratégia de uso do autor

Embora as unidades lexicais sejam vernáculas, o usuário reproduziu a composição frasal do inglês “*I was asked to leave*”, caracterizando um anglicismo sintático. Em português, diríamos: “Pediram que me retirasse”.

Conclusão

A construção “Eu fui pedido para me retirar” retrata o decalque da estrutura de sintaxe do inglês e comprova a dessensibilização progressiva do usuário às composições vernáculas frente a avalanche do inglês nas redes sociais. Em bom português, diríamos “Pediram que me retirasse”.



26/out/21



7/dez/2021

(29) Jorge Paulo Lemann sobre “**tomar risco**”/ Você **toma risco**...

(30) **Tome seu tempo!**

Tipo de estrangeirismo

Anglicismo sintático, por decalque estrutural (29) e (30).

Significado ou construção em inglês/português

- To take a risk/ take risks: correr, assumir riscos;
- To take your time: não ter pressa.

Estratégia de uso do autor

- Take risks → tomar risco;
- Take your time → tome seu tempo.

Ao utilizar construções estranhas ao português, o usuário optou pela convencionalidade de combinações lexicais da língua inglesa, sem observar as composições consagradas em português.

Conclusão

Em todas as línguas, certas palavras combinam-se de forma natural por meio das colocações. Na convencionalidade sintática a concordância dos elementos das unidades linguísticas convencionais deve ser formada pelo encontro de uma base a um colocado, no caso:

Tomar (base) + _____ (colocado)

Nas ocorrências 20 (29) e 21 (30), temos as expressões “tomar **risco**” e “tomar seu **tempo**”, combinações não consagradas pelo uso em português. Tomamos “algo de alguém”, “tomamos banho”, “tomamos sorvete”, entre muitas outras acepções, mas não “tomamos risco” nem “tomamos o nosso tempo”.

Esses são usos consagrados da língua inglesa, calco da forma *to take a risk/ to take risks e to take your time*.

As combinações consagradas possíveis em nossa língua, seriam, respectivamente:

- Correr/assumir um risco;
- Não ter pressa.



(31) Esse é o espírito!

Tipo de estrangeirismo

Anglicismo sintático, como decalque semântico.

Construção na língua original (inglês)

That's the spirit

Construção prevista em português

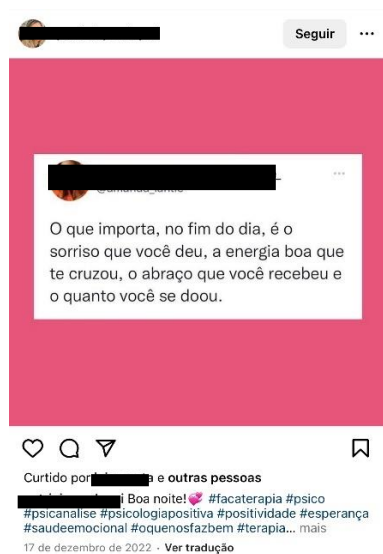
É assim que se faz!/ É isso aí!

Estratégia de uso do autor

Embora as unidades lexicais existam na língua-alvo, a composição adquire um novo valor semântico ao ser traduzida, fato não percebido pelo usuário.

Conclusão

A opção do usuário não faz sentido na língua de chegada e prejudica até mesmo a função expressiva da linguagem. Talvez o motivo dessa preferência possa ser um desconhecimento progressivo da língua materna ou até mesmo uma seleção consciente em nome de sua inclusão no mundo globalizado.



(32) O que importa, **no fim do dia**, é o sorriso que você deu, a energia boa que te cruzou, o abraço que você recebeu e o quanto você se doou.

Tipo de estrangeirismo

Anglicismo sintático, por decalque semântico.

Construção na língua original (inglês)

At the end of the day

Significado na língua alvo (português):

No fim das contas

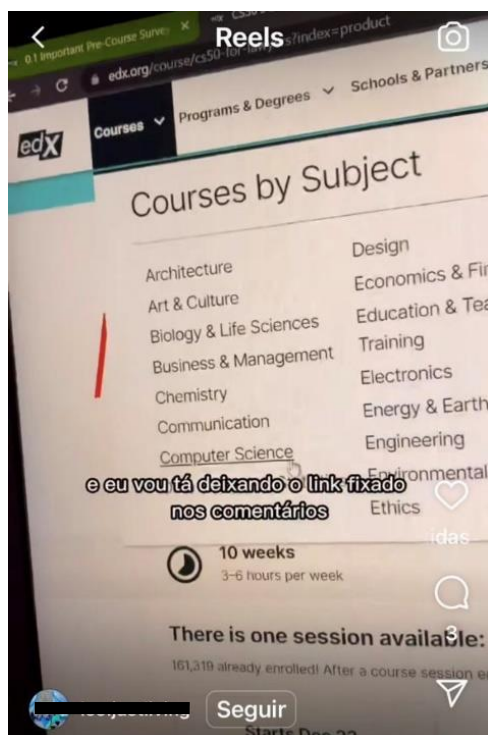
Estratégia de uso do autor

O usuário optou por uma tradução literal da expressão, a qual não coincide com o sentido em português.

Em português: “No fim do dia” significa “ao final de um período de tempo” (no caso, dia). Exemplo: “No fim do dia, após o trabalho, fui à ópera”. No sentido pretendido pelo usuário, a equivalência em nossa língua estaria na construção “no fim das contas”.

Conclusão

A presença constante do inglês nos meios digitais, como língua franca mundial, exerce grande influência nas decisões dos usuários de português, ocasionando anglicismos.



Publicação em reels

(33) E eu **vou tá deixando** o (34) **link** fixado nos comentários

Tipo de estrangeirismo

Anglicismo sintático, por decalque estrutural (**vou tá deixando**) e (34) anglicismo lexical (**link**) com ausência de modificação na grafia, caracterizando uma incorporação (BIDERMAN, 2001).

Construção na língua original (inglês)

"I'll be leaving the link attached to comments..."

Construção prevista na língua alvo (português)

“Deixarei os *links* nos comentários...”

Estratégia de uso do autor

O uso do gerúndio para conjugar o tempo verbal futuro.

Conclusão

O gerúndio, em português, expressa ação contínua e nunca conjuga o verbo no futuro do presente. No caso em questão, o verbo “deixar”, da locução verbal “estar deixando” indica movimento único e, portanto, não deve ser conjugado no gerúndio.

A construção composta na locução verbal ‘estar deixando” caracteriza o desvio sintático “gerundismo”, pois não temos o uso correto do gerúndio em sua função de continuidade, caracterizando um anglicismo.

4.3 Discussões de Resultados

Concluídas as análises dos 24 *posts* e *reels* do Instagram e de 34 enunciados frasais que contextualizam o tipo de estrangeirismo aqui investigado, passamos à discussão dos resultados.

Pudemos perceber, nesta amostragem, um maior número de decalques estruturais, devido ao enfoque sintático da pesquisa. Entretanto, na prática, há uma maior produtividade dos anglicismos lexicais, em relação aos semânticos e sintáticos. Na amostra estudada, foram identificados os seguintes tipos de estrangeirismos: decalques lexicais (13), decalques semânticos (6 casos); decalques estruturais (15 casos). Verificamos que 4 casos estão atestados pelo VOLP – o que legitima o reconhecimento dessas unidades lexicais como incorporadas ao sistema linguístico do português brasileiro.

Com relação às formas não atestadas, observamos serem construções voltadas para caracterizar uma tentativa do usuário de se adequar aos usos linguísticos mais correntes na plataforma digital do Instagram. Preterir o português em relação ao inglês é uma forma de construir uma identidade linguística dentro de um grupo social.

Reiteramos que em nossos resultados da análise do *corpus* apresentado constatamos um número maior de casos de decalques estruturais devido ao enfoque sintático dado à pesquisa de anglicismos, embora sejam os lexicais os mais produtivos, contribuindo, muitas vezes, para a ampliação lexical. Por meio dos decalques semânticos, pudemos perceber não somente a adoção lexical, mas também a modificação do sentido no percurso da língua de origem para a língua-alvo.

A contribuição dos estrangeirismos para a ampliação do léxico da língua portuguesa também foi notada – para a interação mais imediata dessa comunicação, pois ao utilizarem termos da língua franca atual, o inglês, ocorre uma agilidade na compreensão entre cidadãos do mundo virtual, de diferentes nacionalidades.

A verificamos também a predominância da escrita nas redes sociais e que ela possui características próprias, diferentes daquelas apresentadas na escrita convencional, tais como: a celeridade, o não planejamento e a interferência constante do usuário, inclusive por links de hipertextos (destacados em azul).

Por fim, percebemos nos casos de construções sintáticas (colocações) uma impropriedade na composição fraseológica – o que pode configurar tanto a falta de conhecimento do usuário quanto a estrutura de sua língua materna, com implicações no plano significado; como também revelar um processo de criatividade/inação linguística, na medida em que se busca adaptar a construção em inglês às normas mais familiares aos usuários do português brasileiro, criando neologismos (caso da ocorrência 6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho monográfico, retomamos a problematização e os objetivos que motivaram a realização desta pesquisa. A questão principal que buscamos responder ao longo da investigação foi compreender se há anglicismos sintáticos em curso, em uma ferramenta de comunicação social muito relevante atualmente – o aplicativo Instagram. Para responder a este questionamento, entendemos ser necessária a realização de uma revisão bibliográfica que retomasse, historicamente, o estrangeirismo no fluxo dos séculos.

Conforme demonstrado no capítulo 1, ao longo da história, os estrangeirismos foram considerados por puristas um fenômeno exclusivamente linguístico a ser combatido, com o objetivo de proteger uma suposta língua pura e homogênea, além da soberania nacional. Verificamos a predominância histórica dos estrangeirismos no campo lexical, o que justifica, no levantamento bibliográfico, uma tendência à teorização dos estrangeirismos neste plano. Por essa razão, discorreremos sobre o estudo linguístico dos estrangeirismos, com sua teorização baseada na Lexicologia. A fundamentação teórica restou satisfatória, embora polissêmica muitas vezes.

Para seu tratamento sintático, acrescentamos a Teoria de Colocações, de acordo com a visão de Tagnin (2013) e comprovamos a existência de um entrave relevante aos pesquisadores da área: o da imprecisão terminológica, conforme conclusão registrada no final do capítulo 2. Constatamos que tal divergência exige do pesquisador em formação inicial determinar escolhas pessoais – o que nem sempre é uma tarefa fácil.

Depois de explicitada a fonte de onde os dados seriam extraídos (capítulo 3), passamos à análise do material coletado. As categorias de análise propostas responderam ao nosso questionamento inicial, asseverando a existência de anglicismos sintáticos na rede social Instagram, além dos lexicais e semânticos.

O *corpus* (capítulo 4) demonstrou a existência de anglicismos sintáticos, semânticos e lexicais na rede social Instagram, sendo os primeiros os mais produtivos da amostra. Embora na apresentação os decalques estruturais tenham aparecido em maior número,

devido ao enfoque sintático da pesquisa, na prática, os empréstimos lexicais tendem a melhor aceitação, desde que necessários e em um contexto adequado (ocorrências 1, 2, 3 e 4) – o que explicaria a sua maior produtividade em ocorrências cotidianas, confirmando a hipótese de Sandman (1991), seção 2.1. Como fonte contínua de renovação vocabular em uma língua, ao que tudo indica, eles dificilmente comprometem a expressividade na linguagem, o que pode não ocorrer com o plano sintático.

Se por um lado, os empréstimos lexicais, muitas vezes, integram cidadãos do mundo em uma comunidade globalizada, por outro, os sintáticos confirmam o afastamento cada vez maior do usuário da estrutura de sua língua materna (ocorrências 13 a 34). Conforme observado pela pesquisa, eles tendem a ser uma transferência linguística externa mais silenciosa e imperceptível em relação aos lexicais, estes mais facilmente identificáveis. O trabalho aponta a profunda influência dos meios virtuais sobre os hábitos linguísticos, aliada a uma possível falta de conhecimento das pessoas da estrutura padrão da língua portuguesa, facilitando assim a abertura de um caminho de aceitação de estruturas e vocábulos não-vernáculos, sem a consciência de que pertencem a outro idioma. Dessa forma, alguns falsos cognatos, por exemplo, passam a ser adotados, sem a percepção de serem estrangeiros e com grande possibilidade de uma “cristalização linguística involuntária” na sociedade. Os decalques estruturais, por sua vez, invertem a ordem natural do sintagma em nossa língua, por meio da importação inconsciente de estruturas sintáticas alheias. Talvez o afastamento dos brasileiros de sua língua materna possa ser percebido pela dificuldade de transferir o conhecimento de uma língua estrangeira para a sua língua materna, ao traduzi-la de forma literal.

As modificações de uma língua, inevitáveis ao longo do tempo, deveriam vir de um processo natural de transformações por que passam as línguas naturais (capítulo 2) e não pelo seu desconhecimento. Uma das causas da não familiaridade com o próprio idioma talvez esteja na execração do ensino da gramática normativa na escola. Por desconhecer, de modo sistemático, as estruturas do português, o usuário não reconhece uma construção alógena e passa a adotá-la involuntariamente, sem a possibilidade de escolha. E nesse sentido, o ilustre escritor Machado de Assis comenta que, apesar de a influência do povo ser decisiva nas modificações de uma língua: *não me parece aceitável*

a opinião que admite todas as alterações da linguagem, ainda aquelas que destroem as leis da sintaxe e a essencial pureza de idioma (ASSIS, 1994 [1873]).

Muitos podem considerar o respeito às formas linguísticas consagradas um cerceamento da capacidade expressiva, afinal, o Instagram seria um ambiente com baixo monitoramento linguístico. Entretanto, por nossa observação, concluímos que, para monitorar uma língua, em qualquer nível, é preciso primeiramente conhecê-la e somente assim, seremos capazes de realizar uma comunicação efetiva em diferentes contextos. Neste ponto, o conhecimento da gramática normativa possui um valor relevante entre os falantes na sociedade, de ordem prática: o de optar conscientemente por uma construção ou por outra: *obedeça à gramática quem não sabe pensar o que sente. Sirva-se dela quem sabe mandar nas suas expressões* (PESSOA, 2020, p. 113). Por meio dela, construímos nossa melhor expressão comunicativa.

Desse modo, em nossa percepção, não podemos considerar a escrita no Instagram como não-monitorada, mas sim o reflexo do desconhecimento do usuário das ferramentas previstas no português padrão. Embora a variedade linguística produzida no meio virtual difira da escrita convencional, pois célere, sem planejamento prévio e com interferência constante do usuário por links de hipertextos (seção 3.1), ela é ainda construída com base no alicerce do sistema linguístico existente.

Ao finalizarmos esta pesquisa, novas reflexões e questionamentos foram emergindo, apontando para os limites dos objetivos planejados e, ao mesmo tempo, abrindo novas perspectivas de investigação. Entendemos que o uso global do inglês tem permitido a entrada avassaladora de empréstimos linguísticos, muitas vezes nos permitindo pensar que caminhamos para uma diglossia digital, situação a qual teríamos a ocorrência da prática simultânea de duas línguas em uma sociedade, uma dominante – o português – e outra secundária – o inglês. Ambas estariam em uma situação estável de contato, distribuídas funcionalmente (nas redes sociais x fora das redes sociais) e em um ambiente social coeso. Nesse sentido, questionamos: poderíamos caracterizar uma diglossia digital iminente? Este é um ponto que merece uma reflexão mais ampla, com maior complexidade analítica de dados para que se possa verificar possíveis impactos do uso de estrangeirismos de natureza sintático-semântica na língua geral.

Pudemos também perceber um aspecto pouco explorado pela pesquisa científica, o da observação mais apurada das ocorrências de estrangeirismos pelas colocações e outras possíveis combinações sintáticas, tão necessárias para profissionais que trabalham na interface português-inglês, como os tradutores.

REFERÊNCIAS

ALI, Said. “**O Purismo e o Progresso da Língua Portuguesa**”. In: Dificuldades da **Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1966 [1914].

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Dicionário de Questões Vernáculas**. São Paulo: Caminho Suave, 1981.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999 [1943].

ALVES, Ieda Maria. **Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira**. In: Alfa. São Paulo: UNESP, 1988, n. 32, p. 1-14.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002 [1990].

ASSIS, Machado de. **Obra Completa de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994 [1873].

ASSIS, Machado de. **Resenha ao Compêndio de Língua Portuguesa**, por Vergueiro e Pertence. “In **Crítica Literária**”, Rio de Janeiro, W.M. Jackson. Editores, 1953 [1862].

BECHARA, Evanildo. **Estudo da Língua Portuguesa: textos de apoio**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), 2010.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BERNERS-LEE, Tim. **Weaving the Web**. London: Orion Business Books, 1999.

BIDERMAN, M.T.C. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: Holt; Rinehart and Winston, 1961.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa**. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007 [1956].

CARVALHO, N. **Princípios Básicos da Lexicologia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

CARVALHO, Nely. **Empréstimos Linguísticos na Língua Portuguesa**. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 25. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CRYSTAL, David. **Language and the Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à Linguística – objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2001.

GUILBERT, Louis, **La créativité lexicale**. Paris: Librairie Larousse, 1975.

<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242822> (carta Tamoios)

https://www.nacaomestica.org/diretorio_dos_indios.htm

KOMESU, Fabiana. **Pensar o hipertexto**. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASIRODRIGUES, Bernardete (orgs.). **Interação na internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.87-108.

LONGMAN Dictionary of Contemporary English. 3rd ed. England: Longman Group, 1995.

LOPES, Castro. **Neologismos Indispensáveis, Barbarismos Dispensáveis**. Lisboa: A Editora, 1909.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros virtuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In MARCUSCHI & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística**. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1997.

MASCHERPE, Mário. ZAMARIN, Laura. **Os Falsos Cognatos na Tradução do Inglês para o Português**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de Usos**. 2. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, F. de. **Gramática da linguagem portuguesa**. Edição crítica, semidiplomática e anastática por TORRES, A. & ASSUNÇÃO, C., com um estudo introdutório do Prof. E. Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências, 2000 [1536].

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

PESTANA, Fernando. **A Gramática para Concursos Públicos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Método, 2023.

SANDMAN, Antônio José. **Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio**, Curitiba: ed. da UFPR, 1991.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

TAGNIN, Stella E. O. **O Jeito que a Gente Diz**. Barueri-SP. Ed. Disal, 2013.

XAVIER, Antônio Carlos. **Leitura Texto e hipertexto**. In: MARCUSCHI & XAVIER, *op. cit.*

Anexo

Bons dias!

Pego na pena com bastante medo. Estarei falando francês ou português? O Sr. Dr. Castro Lopes, ilustre latinista brasileiro, começou uma série de neologismos, que lhe parecem indispensáveis para acabar com palavras e frases francesas. Ora, eu não tenho outro desejo senão falar e escrever corretamente a minha língua; e se descobro que muita coisa que dizia até aqui, não tem foros de cidade, mando este ofício à fava, e passo a falar por gestos.

Não estou brincando. Nunca comi *croquettes*, por mais que me digam que são boas, só por causa do nome francês. Tenho comido e comerei *filet de boeuf*, é certo, mas com restrição mental de estar comendo *lombo de vaca*. Nem tudo, porém, se presta a restrições; não poderia fazer o mesmo com as *bouchées de dames*, por exemplo, porque *bocados de senhoras* dá idéia de antropofagia, pelo equívoco da palavra. Tenho um chambre de seda, que ainda não vesti, nem vestirei por mais que o uso haja reduzido a essa simples forma popular a *robe de chambre* dos franceses.

Entretanto há nomes que, vindo embora do francês, não tenho dúvida em empregar, pela razão de que o francês apenas serviu de veículo; são nomes de outras línguas. E todo o mal não é a origem estrangeira, mas francesa. O próprio Dr. Castro Lopes se padecer de *spleen*, não há de ir pedir o nome disto ao general Luculo; tem de sofrê-lo em inglês. Mas é inglês. É assim que ele aprova *xale*, por vir do persa; conquanto, digo eu, a alguns parece que o recebemos de Espanha. Pode ser que esta mesma o recebesse de França, que, confessadamente, o recebeu de Inglaterra, para onde foi das partes do Oriente. *Schawl*, dizem os bretões; a França não terá feito mais que tecê-lo, adoçá-lo e exportá-lo. Deslindem o caso, e vamos aos neologismos.

Cache-nez, é coisa que nunca mais andaré comigo. Não é por me gabar; mas confesso que há tempos a esta parte entrei a desconfiar que este pedaço de lã não me ficava bem. Um dia procurei ver se não acharia outra coisa, e andei de loja em loja. Um dos lojistas disse-me, no estilo próprio do ofício:

— Igual, igual não temos; mas no mesmo sentido, posso servi-lo.

E, dizendo-lhe eu que sim, o homem foi dentro, e voltou com um livro português, antigo, e ali mesmo me leu isto, sobre as mulheres persianas: “O rosto, não descobrem nunca fora de casa, trazendo-o coberto com um cendal ou *guarda-cara*...”

— Este guarda-cara é que lhe serve, disse ele. *Cache-nez* ou guarda-cara é a mesma coisa; a diferença é que um é de seda, e o outro de lã. É livro de jesuíta, e tem dois séculos de composição (1663). Não é obra de francelho ou tarelo, como dizia o Filinto Elísio.

Sorriu-me a troca, e estive a realizá-la, quando me apareceu o *focáler* romano, proposto pelo Sr. Dr. Castro Lopes; e bastou ser romano, para abrir mão do outro que era apenas nacional.

O mesmo se deu com *preconício*, outro neologismo. O Sr. Dr. Castro Lopes compôs este, “porque a todos os homens de letras que falam a língua portuguesa, foi sempre manifesta a dificuldade de achar um termo equivalente à palavra francesa *reclame*”.

Confesso que não me achei nunca em tal dificuldade, e mais sou relojoeiro. Quando exercia o ofício (que deixei por causa da vista fraca), compunha anúncios grandes e pomposos. Não faltava quem me acusasse de fazer *reclame* para vender os relógios. Ao que eu respondia sempre:

— Faça-me o favor de falar português. *Reclamo* é o que eu emprego, e emprego muito bem; porque é assim que se chama o instrumento com que o caçador busca atrair as aves; às vezes, é uma ave ensinada para trazer as outras ao laço. Se não quer *reclamo*, use *chamariz*, que é a mesma coisa. E olhe que isto não está em livros velhos de jesuítas, anda já nos dicionários.

Contentava-me com aquilo; mas, desde que vi o recente *preconício*, abri mão de outro termo, que era o nosso, por este alatinado.

Nem sempre, entretanto, fui severo com artes francesas. *Pince-nez* é coisa que usei por largos anos, sem desdouro. Um dia, porém, queixando-me do enfraquecimento da vista, alguém me disse que talvez o mal viesse da fábrica. Mandeï logo (há uns seis meses) saber se havia em Portugal alguma *luneta-pênsil* das que inventara Camilo Castelo Branco, há não sei quantos anos. Responderam-me que não. Camilo fez uma dessas lunetas, mas a concorrência francesa não consentiu que a indústria nacional pegasse.

Fiquei com o meu *pince-nez*, que, a falar verdade, não me fazia mal, salvo o suposto de me ir comendo a vista, e um ou outro apertão que me dava no nariz. Era francês, mas, não cuidando a indústria nacional de o substituir, não havia eu de andar às apalpadelas. Vai senão quando, vejo anunciados os *nasóculos* do nosso distinto autor. Lá fui comprar um, já o cavalguei no nariz, e não me fica mal. Daqui a pouco, ver-me-ão andar pela rua, teso como um *petit-maitre*... Perdão, petimetre, que é já da nossa língua e do nosso povo.

Boas noites.